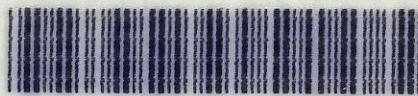


CELULOSE & PAPEL

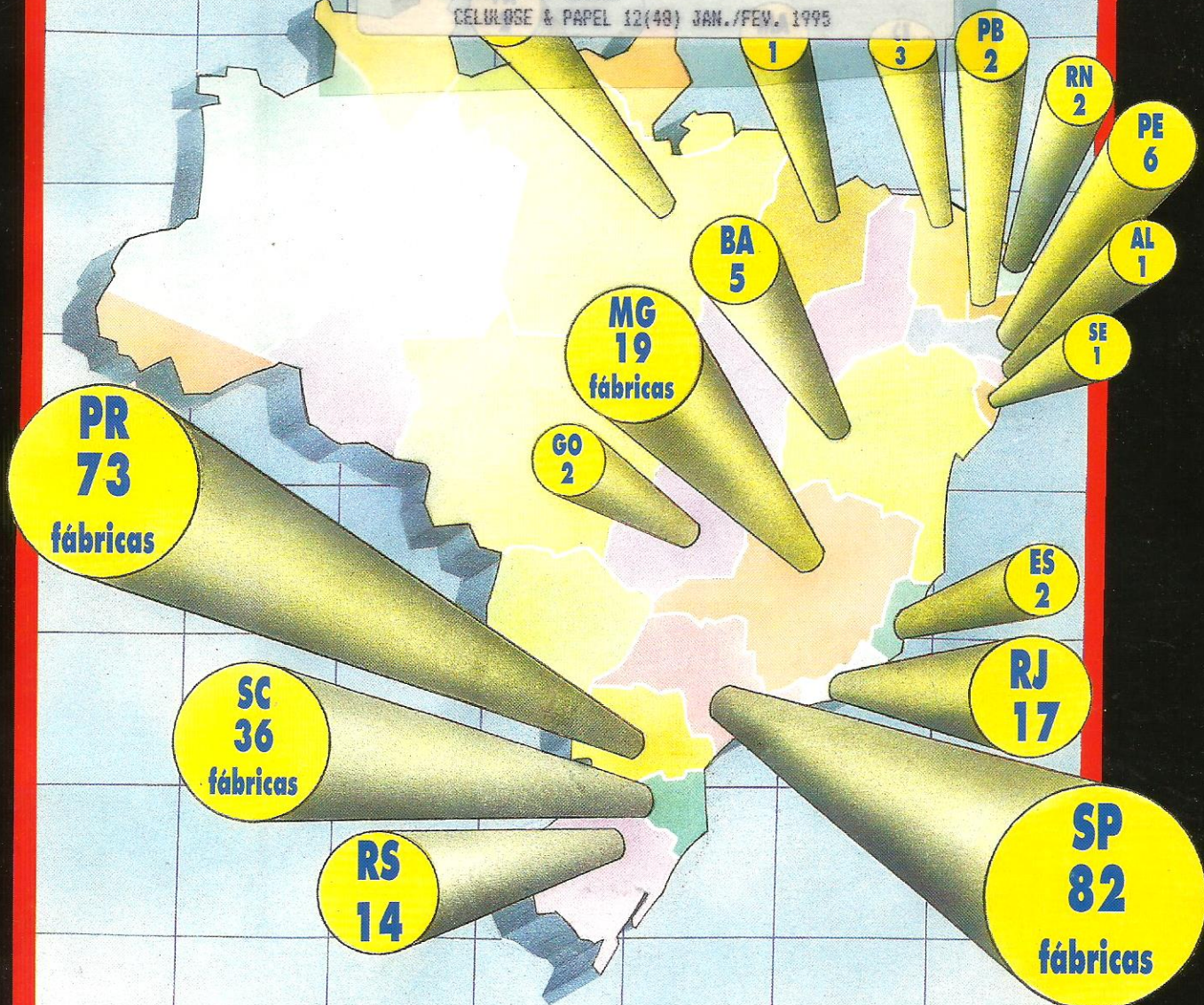
12(48)

ANO XII - Nº 48 - 1995 - ISSN 0102-5279



PUBLIC.: P-018063

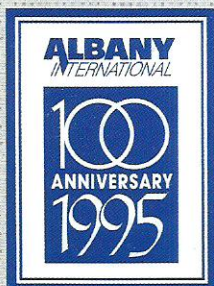
CELULOSE & PAPEL 12(48) JAN./FEV. 1995



NÚMEROS DO SETOR

O BALANÇO DE 94 E AS PERSPECTIVAS DE 95

**Albany, um século de experiência
no mundo e vinte anos de Brasil.**



ALBANY
INTERNATIONAL

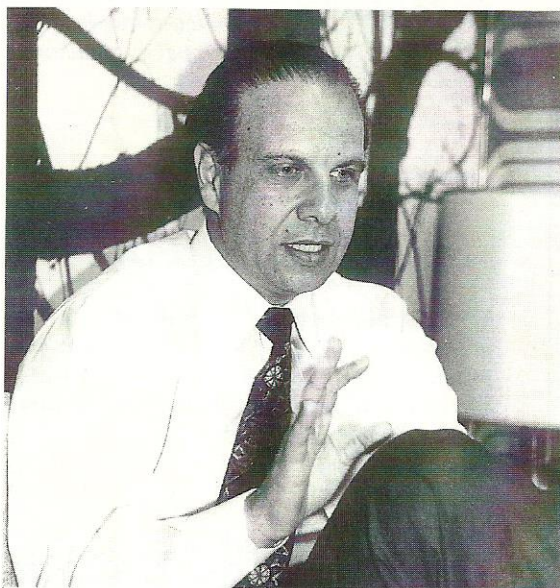
UMA APOSTA VITORIOSA NO FUTURO

Biblioteca
do
ANPC

OSMAR ELIAS ZOGBI (*)

Visto sob o prisma histórico, o setor de papel e celulose cumpriu, nos últimos vinte anos, uma excelente performance a partir da alavancagem do programa nacional de papel e celulose. De um milhão e trezentas mil toneladas de celulose produzidas em 1974, saltamos para cinco milhões e setecentas mil; de um milhão e oitocentas mil toneladas de papel no mesmo ano evoluímos para cinco milhões e seiscentas mil. Importávamos 430 milhões de dólares e exportamos um bilhão e setecentos milhões de dólares em 1994. Vamos continuar crescendo e colher o fruto de nossa ousadia. Fomos perseverantes e acreditamos na aventura empresarial produtiva mesmo diante da instabilidade econômica que apenas estimulava a especulação e ócio. E avançamos, mesmo tendo a economia mundial vivido, seguidamente, seus dois piores momentos na história contemporânea, os choques de preço do petróleo em 1974 e 1979.

As boas perspectivas abertas recentemente pelo início da recuperação dos preços internacionais, primeiro da celulose e depois do papel, não puderam se refletir no plano interno, em razão da implantação do Plano Real. Este foi um sacrifício que tivemos que assumir, conscientes de estarmos contribuindo para o seu êxito. Então constatamos que a necessária estabilização econômica, que interessa a toda a Nação, em particular ao setor produtivo, constituiu-se num fator inibidor da lógica econômica: a de que *commodities* formam seus preços a partir das realidades internacionais de mercado.



“Se logarmos promover as reformas estruturais de que carecemos teremos assegurado a volta consistente da estabilidade política e econômica.”

O nosso esforço foi salutar para inserirmos o nosso setor de atividades no bojo de um novo programa de estabilização da economia apoiado pela unanimidade da sociedade brasileira. A promoção paralela das reformas tributária, fiscal, da previdência e da administração pública e a aceleração do programa de privatizações revelam que o novo governo acredita na capacidade criadora da livre iniciativa.

E a iniciativa privada tem respondido de forma positiva às dificuldades ampliando o grau de qualidade e competitividade das empresas e, particularmente em nosso setor, essas conquistas podem ser mensuradas pela quantidade de empresas certificadas com o padrão ISO de qualidade. O fato de persistirem algumas dificuldades conjunturais expressas na política de câmbio e nos juros altos não nos tira o animo para acreditar na força do diálogo e encontrarmos o caminho correto para o desenvolvimento.

Se logarmos promover as reformas estruturais de que carecemos teremos assegurado a volta consistente da estabilidade política e econômica. Com ela o nosso setor terá condições de dar um novo grande salto para o futuro, de alcance maior do que o que demos nesses últimos vinte anos. Acreditamos que o Brasil continuará crescendo graças à tenacidade de todos nós que cremos ser o investimento na produção a única forma de gerar empregos e riqueza.

* Osmar Elias Zogbi é presidente da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose.

A revista **CELULOSE & PAPEL**, é órgão oficial da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose
Rua Afonso de Freitas, 499
CEP 04006 - São Paulo - SP
Fone: 885-1845

DIRETOR RESPONSÁVEL
Osmar Zogbi

CONSELHO EDITORIAL
Alberto Fabiano Pires
Alfred Freund
Lenomir Trombini
Mário M. H. Leonel
Ronaldo A. Guedes Pereira
Ruy Haidar

CONSELHO CONSULTIVO
GT 2 Divulgação



Não contamine
USE PAPEL

CELULOSE & PAPEL é produzida e editada pela Unipress Editorial ISSN 0102-5279

UNIPRESS
EMPRESA DE COMUNICAÇÃO

UNIPRESS

DIRETORIA

Alaôr José Gomes
Reginaldo Finotti

DIRETOR DE REDAÇÃO
Reginaldo Finotti

REDAÇÃO/COLABORAÇÕES

Adelina Bracco
Ana Lúcia Ventorim
Celso Lungaretti
Maroni J. da Silva
Sílvia Pimentel

DIAGRAMAÇÃO/EDITORIAÇÃO

Rosemeire A. Pedroso
Sandro Gomes

ILUSTRAÇÕES

Capa: Bira Câmara
Gráficos: Sidinei P. da Silva

FOTOS

Agência Estado
Agência Globo
Dois Pontos Fotojornalismo
Nilton Queiroz
Divulgação/Arquivos

PUBLICIDADE

José Cruz Filho

SECRETÁRIA

Silvana Camacho Takeuchi

RELAÇÕES PÚBLICAS

Lina Carla Finotti

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

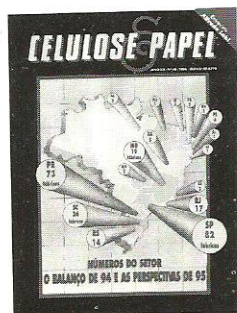
Alameda Santos, 2224 - 6º andar
Conj. 61 - Fone: (011) 881-8044
Telex (11) 32183 - Fax (011) 881-7081
CEP 01418-200 - São Paulo - SP

FOTOLITOS

Studio A Fitolito

IMPRESSÃO

Ipsis Gráfica e Editora S.A.



OS BONS RESULTADOS EM 1994 E OTIMISMO MODERADO EM 1995

O balanço preliminar da ANFPC sobre os resultados do exercício de 1994 registra expansão da produção, consequência do crescimento do consumo nos mercados interno e externo.

Os líderes setoriais demonstram otimismo moderado para 1995. A ilustração da capa, arte de Bira Câmara, indica a localização das 268 fábricas de celulose e papel em funcionamento no Brasil.

6

TILIBRA ENFRENTA O DESAFIO DA SAZONALIDADE DO MERCADO

Tradicional fabricante de cadernos escolares e líder do setor no País, a Tilibra buscou soluções criativas para manter um fluxo regular de produção e evitar os altos e baixos do mercado. Embora empresa familiar, sua administração é profissional perseguindo sempre eficiência e produtividade crescentes.

14

MERCOSUL: UNIÃO ADUANEIRA A CAMINHO DO MERCADO COMUM

Desde o início deste ano está em vigor a TEC-Tarifa Externa Comum, valendo para 85% dos nove mil itens que constam das Normas do Mercado Comum. Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai somam um PIB de US\$ 740 bilhões.

21

BRASIL 95: O PAÍS QUE QUEREMOS E O PAÍS QUE TEREAMOS

Personalidades representativas dos mais diversos segmentos da sociedade prestam depoimentos sobre as perspectivas brasileiras considerando as diretrizes do novo governo e do plano Real. Delfim Netto, Mailson da Nóbrega, Vicentinho, Carlos E. Moreira Ferreira, Bolívar Lamounier, são alguns dos entrevistados.

28

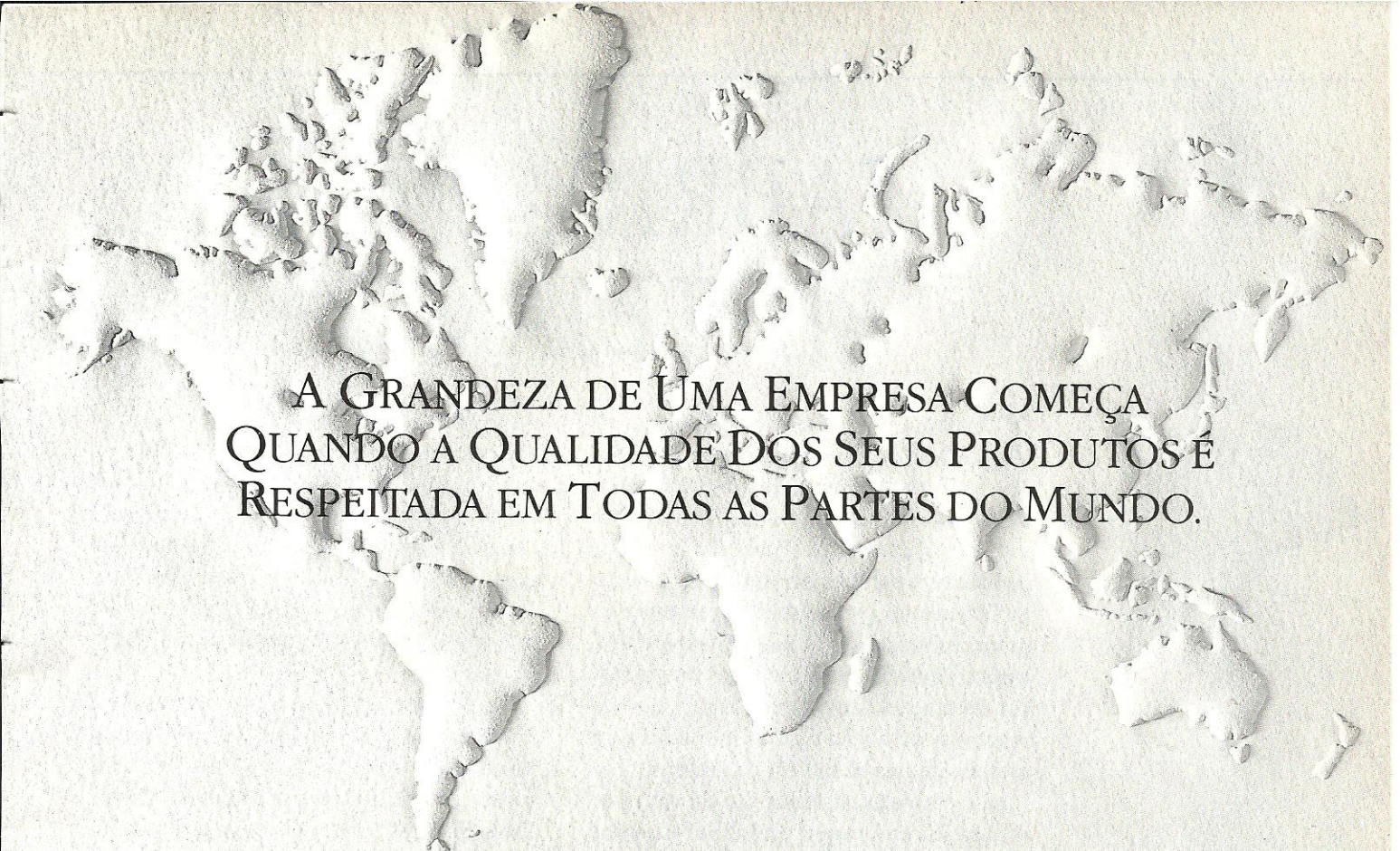
E MAIS:

ALFREDO LOBL - Entrevista com um dos mais respeitados executivos do setor celulósico-papeleiro que conta fatos importantes de sua vida.

18

ABRAM SZAJMAN - Presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo faz proposta para reduzir as desigualdades sociais no País. Veja em Opinião.

34



A GRANDEZA DE UMA EMPRESA COMEÇA
QUANDO A QUALIDADE DOS SEUS PRODUTOS É
RESPEITADA EM TODAS AS PARTES DO MUNDO.

Com uma produção anual que já supera a casa de 1 milhão de toneladas, a Klabin situa-se hoje como a maior organização do setor na América Latina, estando classificada entre as 100 maiores empresas de celulose e papel do mundo. Suas atividades envolvem desde o reflorestamento até a fabricação de celulose de fibra curta e fibra longa, papéis para impressão e embalagens, papéis sanitários e a conversão de papéis em produtos higiênicos descartáveis, caixas de papelão ondulado, sacos multifoliados e envelopes. Os produtos Klabin são reconhecidos no país e no exterior por sua alta qualidade, resultado de contínuos programas de investimentos em pessoal, em novos equipamentos, pesquisas, desenvolvimento e pela preocupação constante em utilizar tecnologias avançadas não agressoras ao meio ambiente. Em suas atividades florestais, por exemplo, a Klabin mantém junto aos seus 195 mil hectares de reflorestamentos próprios, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, 102 mil hectares de florestas nativas preservadas, onde são realizados programas educacionais e de proteção da flora e da fauna. Essa, entre outras iniciativas da Klabin, demonstra que é possível desenvolver atividades produtivas em harmonia com a natureza. E esta postura é fundamental para a qualidade.



Indústrias Klabin de Papel e Celulose SA

FABRICANTES DE P FESTEJAM RECUPE



Embora muitos teóricos insistam em afirmar que a economia é uma ciência exata, no dia-a-dia ela sofre impactos de forças que nem sempre a matemática sozinha consegue explicar, mesmo recorrendo a um verdadeiro arsenal de ferramentas numéricas. Muitas vezes, os próprios manuais de economia recorrem à lógica filosófica para explicar determinados fenômenos, como as crises cíclicas e a respectiva transição para um novo ciclo de crescimento da economia de mercado. No fundo, é a velha dialética que dá conta do recado. Ela ensina que a própria crise aponta para a luz no fim do túnel.

O desempenho do setor de celulose e papel, em 1994, em nível internacional, é o retrato acabado de um roteiro complicado, mas com final feliz. "No final de 1993, quando os preços da celulose e papel atingiram, praticamente, os níveis mais baixos dos últimos 40 anos, nós já havíamos previsto que a própria crise estava criando os fundamentos para a recuperação do setor. E isso realmente aconteceu em 1994". O raciocínio não é de nenhum filósofo, mas do administrador Raul Calfat, presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose (APFPC) e diretor superintendente da Votorantim Celulose e Papel (VCP).

Os fabricantes brasileiros obtiveram um faturamento total de US\$ 5,6 bilhões, segundo apurou a Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC), graças ao aumento do preço da celulose no mercado internacional, que passou de US\$

300 para US\$ 700, desde junho. A produção brasileira de papel, no ano passado atingiu 5,6 milhões de toneladas, representando um acréscimo de 5% sobre 1993, e a de celulose e pastas chegou a 5,7 milhões, ou seja, 5,2% mais que no período anterior. Outro dado: o consumo nacional de papel subiu 8% em 1994, atingindo 4,5 milhões de toneladas.

Tal conjuntura fez com que as empresas chegassem no final do ano operando muito próximo da capacidade nominal instalada, ou seja, quase 100%, e já se fala em novos investimentos. O cenário de otimismo é construído com base no paradigma da recuperação dos mercados consumidores (inter-

no e externo), que caminham na direção de um novo ciclo de crescimento do setor de celulose e papel.

No mercado interno, espera-se um crescimento superior as oscila-

ções do PIB, algo em torno de 5% (Ipea registrou uma evolução 4,6% no PIB, em 1994). Nos países de economia madura, a estimativa de crescimento equivale à evolução do PIB, (pelo menos 3%, segundo à OCDE).

Pelas características estruturais do setor, fortemente globalizado e que no Brasil conta com uma capacidade instalada de 6,7 milhões de toneladas/ano de papel e 6,5 milhões de toneladas de celulose, tudo que acontece lá fora tem impacto direto no cotidiano dos fabricantes nacionais. Felizmente, porém, depois de amargar quatro anos de crise, o setor papeleiro foi brindado com um conjunto de fatores que empurrou os estoques para baixo, enquanto a demanda e os preços evoluíram.

No final de 1993, quando os preços da celulose e papel atingiram os níveis mais baixos dos últimos 40 anos, já havia a previsão de que a própria crise estava criando os fundamentos para a recuperação do setor.



RAUL CALFAT

No plano interno dois fatores contribuíram para a recuperação: a conquista de novos mercados e a estabilidade da moeda

APEL E CELULOSE RAÇÃO DO SETOR

Maroni João da Silva

Do ponto de vista econômico, avalia Alfred Freund, presidente da Associação Brasileira dos Exportadores de Celulose (Abecel) e diretor superintendente da Riocell, o pano de fundo da recuperação setorial, no mercado externo, foi a reversão do quadro recessivo, principalmente nos Estados Unidos que, por escala, impactou outras áreas da geografia econômica internacional, no que diz respeito à celulose e papel, tal como a Europa, Ásia e América Latina.

Vale lembrar que já no primeiro semestre de 1994, o consumo de papel nos Estados Unidos registrou um crescimento de 3,2% e que as fábricas operavam com mais de 90% da capacidade instalada, abrindo espaço, portanto, para o aumento das importações a fim de que o mercado pudesse acompanhar o timing da demanda. Na Europa, a

expansão do consumo foi ainda maior, chegando a 5,2%, destacando-se os papéis de imprensa.

Por outro lado, retomando-se o raciocínio dialético, é possível observar que a própria crise gerou um tipo de ajuste, com vários desdobramentos dentro do setor, que contribuiu para o fim do período de vacas magras aos que sobreviveram, segundo relataram Calfat e Freund. Todos os fatores decorrentes dessa situação tiveram efeito contraditório sobre o setor de celulose e papel em nível mundial, ou seja: foram negativos ao reduzir a oferta e, ao mesmo tempo, positivo porque apressaram o fim da crise.

Um aspecto relevante, por exemplo, foi

a desativação temporária ou permanente de algumas fábricas, em vários países, cuja operação foi inviabilizada pelos preços baixos, custos elevados e escala de produção inadequada. A falta de investimentos em novas plantas, a crise da madeira e o aumento das importações de celulose, por parte do Japão, fecharam o cerco sobre o setor. O resto ficou por conta da velha lei da oferta e procura, que elevou os preços porque a demanda expandiu-se.

No plano interno, dois fatores contribuíram para a recuperação do setor: a conquista de novos mercados, com o conseqüente aumento das exportações, e a estabilização da moeda, com o Plano Real. Mesmo du-

rante a crise internacional, explica Calfat, as empresas brasileiras foram obrigadas a desenvolver um grande esforço para aumentar as vendas externas. A estratégia teve dois objetivos:

compensar o baixo faturamento no mercado interno, no primeiro semestre, e desovar excedentes, aliviando, inclusive, a pressão dos custos financeiros para a manutenção de estoques.

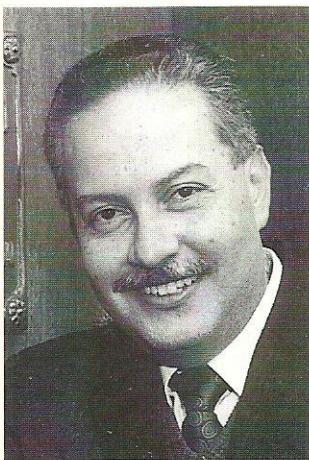
O resultado dessa operação foi positivo, segundo os dados disponíveis na ANFPC. Só nos primeiros cinco meses do ano passado, as exportações brasileiras cresceram 24%. No caso específico do papel, os embarques para o exterior aumentaram 15%, no primeiro quadrimestre, atingindo o recorde de 432.556 toneladas. Já o crescimento da demanda interna global (celulose e papel) por conta do Plano Real atingiu 20%.

A performance de segmentos correlatos, como o editorial, gráfico e convertedor re-



ALFREDO FREUND

A reversão do quadro recessivo, principalmente nos Estados Unidos, foi o pano de fundo da recuperação setorial

**ARMANDO ANTONGINI FILHO**

As vendas de livros realizadas na Bienal, forneceram fortes indícios de que tempos melhores viriam, como aliás vieram

força o bom desempenho do setor papelero em 1994. Em agosto, durante a realização da 13ª Bienal Internacional do Livro, Armando Antongini Filho, presidente da Câmara Brasileira do Livro, ainda mantinha a frustração com o fraco movimento da produção cultural no primeiro semestre, considerado "muito ruim". Mas as vendas realizadas na Bienal, em URVs, forneceram um forte indício de tempos melhores, tanto que ele arriscou uma previsão: o mercado fecharia o ano com o aumento de 15%. Errou em 10%, o crescimento das vendas bateu em 25%.

O faturamento do setor atingiu US\$ 1,2 bilhão em 1994, contra US\$ 930,9 milhões em 1993, o que representou um crescimento de 29%. O número de exemplares cresceu 6%. No total, foram produzidos 236 milhões, em 1994, contra 222,5 milhões em 1993. Forte consumidor de papel, o segmento livreiro ainda está longe dos 500 milhões de exemplares produzidos na época do Cruzado, em 1986. Contudo, acredita-se, firmemente, que foi dada a largada para uma nova era, embalada pela estabilização da moeda, que viabilizou o barateamento do livro, graças ao corte de 54% de custos financeiros embutido no preço final do produto.

A falta de papel registrada no mercado interno, em outubro, assustou a área gráfica, mas assim mesmo, relata Max Schrappe, presidente da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf), o nível de ocupação da capacidade instalada das empresas foi dos mais altos dos últimos anos, atingindo 80%, no segundo semestre. Pelas estimativas da Abrigraf, o setor deve fechar o ano com um faturamento próximo a 1% do PIB, puxado, principalmente, pelo segmento editorial (US\$ 1,09 bilhão), embalagens semi-rígidas de cartão (US\$ 1,1 bilhão), formulários contínuos (US\$ 580 milhões) e de impressos promocionais (US\$ 490 milhões).

Schrappe atribui os resultados alcançados ao crescimento da demanda interna, impulsionada pela estabilidade econômica, e ao esforço da indústria que investiu em tecnologia e desenvolvimento de recursos humanos. Com isso, observa, foi possível criar condições para enfrentar as dificuldades centradas em custos, disputas entre fornecedores e clientes e a concorrência predatória das gráficas estatais e religiosas, isentas de impostos.

O balanço positivo da Abigraf coincidiu com o desempenho da área de máquinas gráficas, que cresceu 30% em 1994, conforme apurou o Departamento Nacional de Máquinas Gráficas da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). Esse segmento congrega produtores de máquinas para pré-impressão, impressão e acabamento, segundo Jacques Fernando Gilberto Oppenheim, presidente do Departamento e diretor da Radial Tecnograf, uma das três maiores fabricantes de máquinas

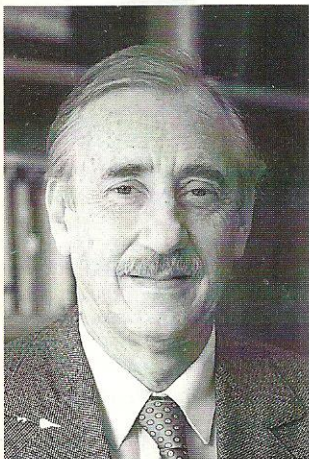
para acabamento gráfico.

Apesar da concorrência facilitada pelas importações, avalia Oppenheim, "1994 foi um ano bom, pois conseguimos superar a produção do ano anterior em 30% e

a indústria sentiu-se estimulada a produzir com maior qualidade e menor preço". Em números absolutos, o faturamento chegou a US\$ 121 milhões, contra US\$ 93 milhões em 1993. A própria Radial obteve um crescimento de 10% em seu faturamento em 1994 em relação ao ano anterior, atingindo US\$ 1,4 milhão. A participação no mercado interno aumentou em 25% e as exportações cresceram 10%, apesar das dificuldades cambiais vividas no segundo semestre.

O segmento de conversão, abrigado no Sindicato do Papelão e Artefatos de Papel e Cortiça, também registrou crescimento em 1994, segundo informou o presidente Sérgio Habersfeld que também dirige a Toga, um dos grandes fabricantes brasileiros de embalagens de papel e papelão. Apesar da falta de matéria-prima, diz ele, principalmente chapas para a fabricação de papelão ondulado, os fabricantes atin-

O nível de ocupação da capacidade instalada das empresas gráficas, segundo a Abigraf, foi dos mais altos dos últimos anos, atingindo 80% no 2º semestre, impulsionado pelo aumento da demanda interna.

**MAX SCHRAPPE**

O setor gráfico fechou o ano com faturamento próximo a 1% do PIB, puxado, principalmente, pelo segmento editorial

giram o limite da capacidade instalada.

O faturamento estimado do setor para 1994 foi de US\$ 1 bilhão, o que representa um crescimento de 30% sobre as vendas realizadas no ano passado. Ao contrário dos demais segmentos que operam em parceria com os fabricantes de celulose e papel, explica Habersfeld, os convertedores ainda não sentiram melhora em seus preços. Por estarem na ponta da cadeia produtiva, explica Habersfeld, os chamados fabricantes de artefatos são os últimos a se beneficiarem com a elevação dos preços em nível internacional.

Embora os indicadores conjunturais mostrem, de forma inequívoca, a recuperação do setor de celulose e papel como um todo, do ponto de vista macroeconômico a crise deixou marcas profundas, o que de certa forma redefinirá a trajetória da indústria nos próximos anos, conforme analisa Calfat. A indústria, segundo ele, tende a incorporar determinadas características do processo econômico atual, como o surgimento do desemprego estrutural, que representa, hoje, uma tendência

mundial em países do Primeiro Mundo.

Em 1994, por exemplo, não houve expansão do nível de emprego no setor de celulose e papel, a não ser em segmentos isolados. A indústria gráfica registrou um aumento de 3,5%, na oferta de emprego, empatando com a área de artefatos.

“A crise, diz Calfat, obrigou as empresas a se tornarem cada vez mais eficientes, buscando a redução de custos e com isso viabilizar a sobrevivência. De uma forma geral, as empresas fizeram reestruturações, tanto na estrutura organizacional quanto no processo produtivo. O objetivo foi otimizar os equipamentos existentes, investindo também no processo para reduzir custos”.

Um fato positivo é que, apesar das dificuldades de caixa para honrar o serviço das

dívidas contraídas no final do ciclo de alta anterior, na implementação de projetos que entraram em maturação durante a crise, hoje as empresas estão mais enxutas e competitivas. Por ser um setor muito exposto, observa o presidente da APFPC, as empresas do setor mantiveram os investimentos indispensáveis para garantir a competitividade e a imagem internacional.

É o caso dos projetos voltados ao meio ambiente e à melhoria da qualidade. Hoje, boa parte das empresas está certificada de acordo com parâmetros internacionais de qualidade, enquanto outras estão ajustando seus procedimentos e processos nesse sentido. “As empresas se mantiveram extremamente atualizadas nessas áreas”.

A utilização de matérias-primas recicláveis e a diversificação da celulose também constituem, segundo os empresários, uma tendência irreversível. Para Freund, o papel reciclado faz parte de um mix, cuja produção será regulada pelas exigências do mercado. O presi-

dente da Abecel afirma que a produção de celulose com características específicas para produtos diversificados tende a crescer, da mesma forma que a integração da área florestal como negócio.

Isso significa que a madeira também terá aplicações diversas.

Seja como for, a indústria já se sente encorajada para voltar a investir, apostando no crescimento do mercado em nível internacional e na sua capacidade produtiva e de remover obstáculos. Tanto Calfat quanto Freund entendem que, a exemplo do que aconteceu no passado a indústria deve ficar atenta às práticas protecionistas, que tendem a suplantar o discurso liberal, em alguns mercados.

Como beneficiar-se com a implementação de mercados comuns também deve fazer parte da estratégia futura do setor, segundo os empresários. No âmbito do Mercosul, segundo Calfat, o Brasil tende a se transformar no grande fornecedor de produtos celulósicos, devido às características da indústria local, que tem a melhor performance da região.



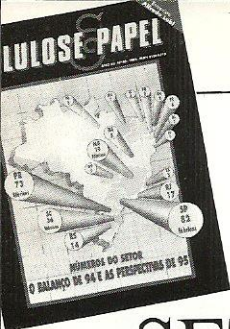
JACQUES G. OPPENHEIM

O desenvolvimento da área de máquinas gráficas foi considerado satisfatório com crescimento da ordem de 30% em 1994.



SÉRGIO HABERFELD

O segmento de conversão, com faturamento da ordem de US\$ 1 bilhão, teve também crescimento de 30% nas vendas.



AVALIAÇÃO DO SETOR DE PAPEL E CELULOSE

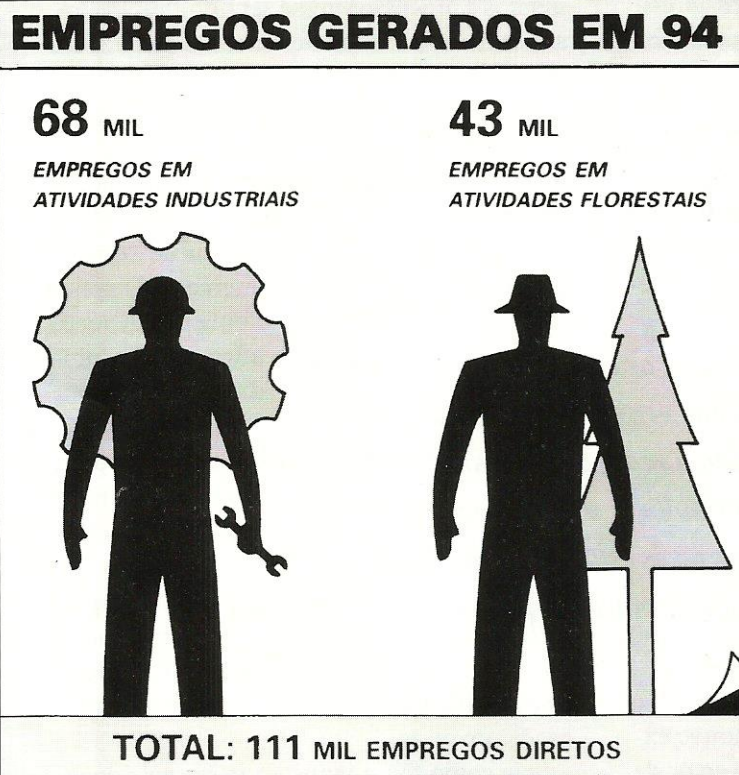
Durante o ano passado, as indústrias brasileiras de celulose e papel, assim como aconteceu com a maioria dos fabricantes mundiais, experimentaram o início da recuperação da demanda. As perspectivas para 1995 são otimistas.

O setor de Papel e Celulose é composto por 235 empresas que operam 268 unidades industriais, localizadas em 17 estados brasileiros. Utilizando exclusivamente madeiras provenientes de florestas plantadas, conta atualmente com 1,5 milhão de hectares de reflorestamentos próprios, principalmente, pinus (38%) e eucalipto (59%).

Integração

Setor tradicionalmente controlado por capitais nacionais (87%) apresenta, segundo estatísticas da ANFPC que cobrem um universo de 202 empresas responsáveis por 98% da produção nacional, os seguintes níveis de integração industrial:

| Nível de Integração | Nº de empresas |
|--------------------------|----------------|
| Pastas, Celulose e Papel | 4 |
| Pastas e Papel | 33 |
| Celulose e Papel | 29 |
| Pastas | 25 |
| Celulose | 5 |
| Papel | 106 |



Produção

A produção brasileira de papel, no exercício, foi de 5,6 milhões de toneladas, 5,0% acima à do ano anterior e, a de celulose e pastas, 5,7 milhões de toneladas, com crescimento de 5,2%.

Os papéis para embalagem e os papéis para imprimir/escrever participaram com 43% e 33%, respectivamente, da produção nacional. A celulose branqueada de eucalipto participou com 69% do total da celulose produzida.

No período de 1984-1994, a taxa de crescimento médio anual da produção nacional de papel foi de 4,1% e a de celulose, 4,7%.

O faturamento total em 1994 foi estimado no equivalente a US\$ 5,6 bilhões e os impostos diretos gerados pelas empresas em US\$ 600 milhões.

Empregos

Em 1994, essas empresas proporcionaram 68 mil empregos em suas atividades industriais e 43 mil nas florestas, perfazendo um total de 111 mil empregos diretos.

Capacidade

A capacidade instalada situa-se em 6,7 milhões de toneladas de papel e 6,5 milhões de toneladas de celulose. O nível de utilização no exercício foi de 83% e 88%, respectivamente, para papel e celulose, e as empresas reciclam cerca de 1,6 milhão de toneladas de aparas/papéis velhos em seus processos de produção.

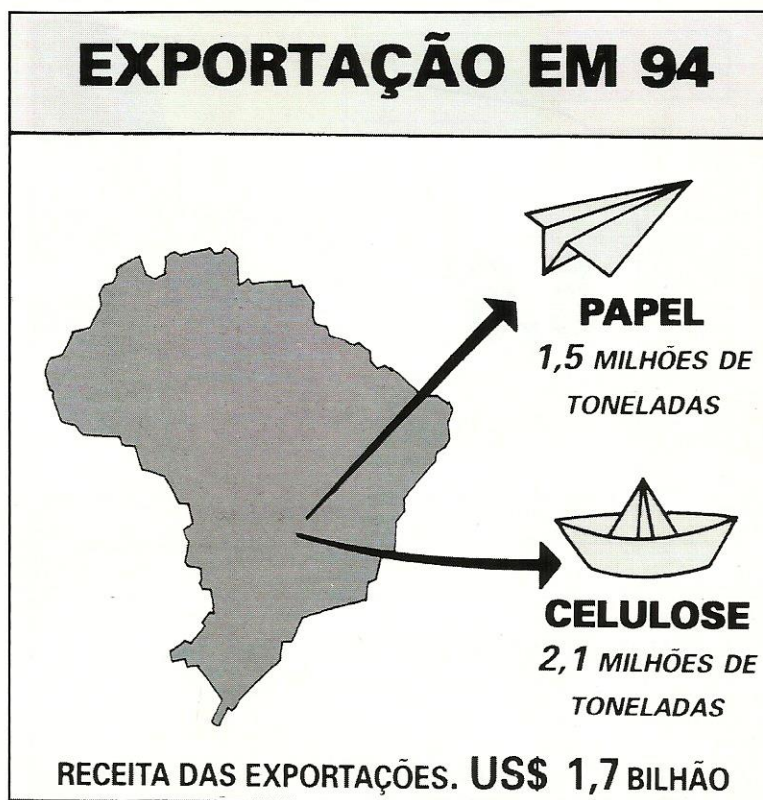
Consumo

Da produção nacional, o mercado interno, constituído pelas vendas domésticas e consumo próprio das empresas, absorveu 74% do papel e 63% da celulose, o restante foi destinado à exportação.

O consumo de papel no país cresceu 8,0% no ano, atingindo 4,5 milhões de toneladas. O consumo percapita foi de 29,0 kg, contra 27,3 kg em 1993.

Exportação

No exercício de 1994, com a expansão do consumo internacional o setor exportou, durante o ano passado, 1,5 milhões de toneladas de papel e 2,1 milhões de toneladas de celulose. A receita das exportações, foi de US\$ 1,7 bilhão, superior à do ano anterior em 13,3%.



ções foi de US\$ 387 milhões, 18,7% sobre 1993.

Reflorestamento

Em 1994, foram realizados plantios de 103 mil hectares, ampliando a base florestal para 1,5 milhão de hectares próprios. O consumo de madeira durante o ano foi estimado em 29,6 milhões de m3, sendo 85% para produção de celulose/pastas e 15% para fins energéticos.

Os reflorestamentos mantidos pelo setor incorporam modernas técnicas silviculturais, principalmente na área de biotecnologia, registrando produtividade média de 24m3 de madeira/ha/ano de pinus e 30 m3 de madeira/ha/ano de eucalipto. Há esforços para dobrar esses números até o final da década.

Importação

No exercício, o país importou 415 mil toneladas de papel e 140 mil toneladas de celulose, principalmente de fibra longa branqueada. O valor dessas importa-

PRODUÇÃO TOTAL EM TONELADAS

| ANO | PAR | CELULOSE | PAPEL |
|-------|--------|----------|---------|
| 1985 | 312513 | 3403464 | 4021400 |
| 1986 | 358330 | 3555407 | 4525570 |
| 1987 | 390471 | 2664461 | 4711664 |
| 1988 | 397688 | 3792868 | 4683952 |
| 1989 | 426421 | 3943879 | 4871336 |
| 1990 | 436455 | 3914688 | 4715791 |
| 1991 | 431596 | 4346520 | 4914113 |
| 1992 | 431777 | 4870567 | 4920733 |
| 1993 | 460742 | 5010188 | 5301040 |
| 1994* | 438208 | 5316541 | 5568266 |

* Dados Preliminares
FONTE:ANFPC

FATURAMENTO DO SETOR (US\$ MILHÃO*)

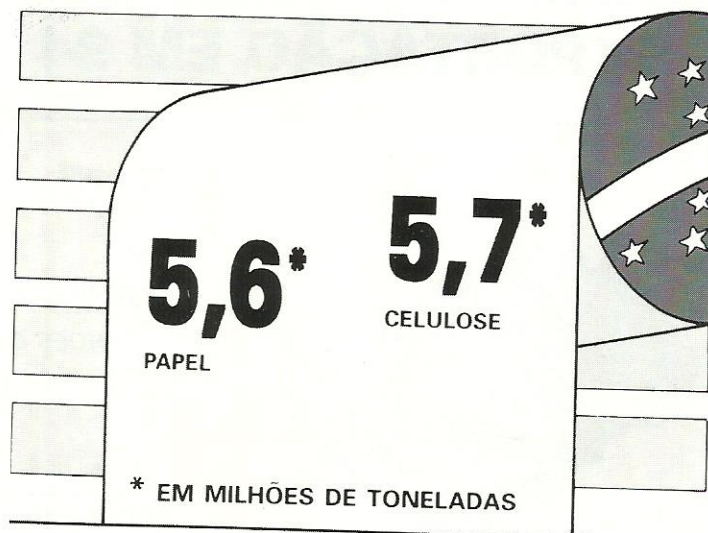
| ANO | PAR | CELULOSE | PAPEL | ARTEFATOS+ | TOTAL | VAR% |
|--------|-----|----------|-------|------------|-------|--------|
| 1985 | 6 | 547 | 1816 | 319 | 2688 | - |
| 1986 | 10 | 565 | 2250 | 429 | 3254 | 21,06 |
| 1987 | 18 | 875 | 2809 | 564 | 4266 | 31,10 |
| 1988 | 17 | 1067 | 3735 | 528 | 5347 | 25,34 |
| 1989 | 29 | 1305 | 4762 | 1017 | 7113 | 33,03 |
| 1990 | 18 | 1090 | 3643 | 708 | 5459 | -23,25 |
| 1991 | 18 | 1068 | 3245 | 618 | 4949 | -9,34 |
| 1992 | 12 | 1248 | 3211 | 667 | 5138 | 3,82 |
| 1993 | 11 | 1020 | 3555 | 758 | 5344 | 4,01 |
| 1994** | 12 | 1290 | 3611 | 709 | 5622 | 5,20 |

* Dólar Médio do Ano / Revista Suma Econômica
** Dados Preliminares
+ Empresas Integradas
FONTE:ANFPC

PRODUÇÃO BRASILEIRA EM 1994

Investimentos

O Brasil é o 7º colocado entre os maiores produtores mundiais de celulose e o 11º entre os fabricantes de papel. O setor conta com alto nível de capacitação técnico-profissional e investe continuamente na atualização e expansão de seu parque produtivo. Atendendo a excelente qualidade do produto nacio-



nal, diversas empresas já foram certificadas por institutos internacionais por conformidade às Normas ISO-9000.

Projetos

No período de 1989/1994 foram feitos investimentos equivalentes a US\$ 6,7 bilhões. Atualmente, segundo levantamento da ANFPC, existem projetos em execução no valor de

PAPEL - PRODUÇÃO E DESTINO DA PRODUÇÃO EM t

| | 1985 | 1986 | 1987 | 1988 | 1989 | 1990 | 1991 | 1992 | 1993 | 1994* |
|--------------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| PRODUÇÃO | | | | | | | | | | |
| Papel para Imprensa | 207565 | 217864 | 231621 | 246294 | 230239 | 246400 | 253097 | 237453 | 275823 | 257536 |
| Papel para Impressão | 761106 | 932359 | 1007913 | 1007436 | 1003465 | 931531 | 995701 | 1110307 | 1398947 | 1661041 |
| Papel para Escrever | 384707 | 374030 | 302343 | 311468 | 300355 | 357732 | 378841 | 286650 | 239943 | 175263 |
| Papel para Embalagem | 1807051 | 2065735 | 2174156 | 2182433 | 2329247 | 2184300 | 2229720 | 2224315 | 2283918 | 2376461 |
| Papéis Sanitários | 288218 | 294402 | 334113 | 365223 | 375870 | 403712 | 419257 | 442382 | 444694 | 447531 |
| Cartões e Cartolinas | 457541 | 498970 | 523998 | 446938 | 474075 | 470038 | 509838 | 502215 | 538442 | 519517 |
| Papéis Especiais | 115212 | 142210 | 137520 | 124160 | 138085 | 122078 | 127659 | 117411 | 119273 | 130917 |
| TOTAL | 4021400 | 4525570 | 4711664 | 4683952 | 4851336 | 4715791 | 4914113 | 4920733 | 5301040 | 5568266 |
| CONSUMO PRÓPRIO | | | | | | | | | | |
| Papel para Imprensa | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Papel para Impressão | 2738 | 12327 | 14259 | 7141 | 4633 | 13725 | 5640 | 8001 | 3280 | 4231 |
| Papel para Escrever | 10712 | 984 | 742 | 7030 | 14506 | 14599 | 18405 | 20019 | 26129 | 24740 |
| Papel para Embalagem | 605732 | 705993 | 752890 | 643946 | 721445 | 625716 | 712606 | 642566 | 987464 | 966015 |
| Papéis Sanitários | 74 | 86 | 779 | 254 | 105 | 126 | 78 | 56 | 1022 | 277 |
| Cartões e Cartolinas | 303 | 1333 | 1338 | 2347 | 2561 | 4139 | 4258 | 4937 | 5025 | 8900 |
| Papéis Especiais | 6225 | 12920 | 12486 | 12912 | 12459 | 12599 | 13490 | 11372 | 12652 | 13093 |
| TOTAL | 625784 | 733643 | 782494 | 673630 | 755709 | 670904 | 754477 | 686951 | 1035572 | 1017256 |
| VENDAS DOMÉSTICAS | | | | | | | | | | |
| Papel para Imprensa | 198163 | 214776 | 215025 | 234545 | 226107 | 229972 | 232656 | 218072 | 248408 | 241093 |
| Papel para Impressão | 605798 | 710876 | 707594 | 635311 | 683034 | 549669 | 642840 | 607185 | 763628 | 856353 |
| Papel para Escrever | 253702 | 254386 | 210389 | 185363 | 211335 | 228262 | 217522 | 161241 | 139124 | 113825 |
| Papel para Embalagem | 1015969 | 1136867 | 1158987 | 1050682 | 1253168 | 1065192 | 1110412 | 1039757 | 918119 | 967967 |
| Papéis Sanitários | 267867 | 284195 | 328406 | 353983 | 368204 | 388922 | 411009 | 424170 | 414084 | 403287 |
| Cartões e Cartolinas | 399199 | 440042 | 487357 | 382388 | 445145 | 386733 | 422233 | 406049 | 460061 | 441479 |
| Papéis Especiais | 102803 | 123011 | 118306 | 107154 | 121593 | 101623 | 106700 | 98727 | 96303 | 100967 |
| TOTAL | 2843501 | 3164153 | 3226064 | 2949426 | 3308586 | 2950373 | 3143372 | 2955201 | 3039727 | 3124971 |
| VENDAS EXTERNAS | | | | | | | | | | |
| Papel para Imprensa | 1324 | 3449 | 16675 | 9551 | 7463 | 16668 | 8328 | 23891 | 23152 | 15800 |
| Papel para Impressão | 151590 | 218181 | 282676 | 358978 | 322785 | 367544 | 331952 | 495530 | 610010 | 850515 |
| Papel para Escrever | 116115 | 122633 | 86593 | 121059 | 79956 | 110328 | 152876 | 113469 | 77321 | 39468 |
| Papel para Embalagem | 161956 | 220800 | 222210 | 465175 | 341046 | 390944 | 439906 | 526753 | 417534 | 454444 |
| Papéis Sanitários | 17552 | 15051 | 1509 | 8818 | 11702 | 10058 | 6000 | 12933 | 21168 | 39563 |
| Cartões e Cartolinas | 53808 | 46696 | 21312 | 65851 | 53374 | 61522 | 80190 | 91316 | 63905 | 73951 |
| Papéis Especiais | 5569 | 5857 | 5697 | 3967 | 4857 | 5280 | 6471 | 8446 | 10520 | 14948 |
| TOTAL | 507914 | 632667 | 636672 | 1033399 | 821183 | 962344 | 1025723 | 1272338 | 1223610 | 1488689 |

* Dados preliminares

Fonte = CONJUNTURA SETORIAL - ANFPC

GT06/REVISTA

US\$ 1,2 bilhão e projetos em estudo que poderiam representar investimentos de US\$ 2,3 bilhões até o final do século. Esses projetos, no entanto, dependem da melhoria dos preços internacionais do papel e da celulose, da estabilidade econômica do país e de financiamentos de longo prazo.

A competitividade do setor, fortemente baseada na alta produtividade florestal, vem sendo bastante pressionada nos últimos anos devido a instabilidade da economia brasileira, o alto custo do ca-

pital, escassez de linhas compatíveis de financiamento, pesada carga tributária, altos custos portuários e política industrial indefinida.

Perspectivas

Previsões de institutos especializados na indústria (RISI, FAO, etc.) indicam que o consumo mundial de papel (em 1993: 250 milhões de toneladas), deverá crescer à taxa média anual de 2,5% até o final do século.

Essa evolução do consumo, está diretamente ligada à recuperação

das economias americana, européia e japonesa, que já registram sinais de crescimento.

A retração da demanda mundial e a entrada simultânea de novas capacidades de produção nos últimos anos provocaram a queda dos preços internacionais do papel e da celulose, cuja recuperação iniciou-se em 1994.

Quanto ao mercado nacional, a previsão é de que a demanda registre um crescimento de 1 a 2 pontos acima do índice do PIB nos próximos anos.

CELULOSE - PRODUÇÃO E DESTINO DA PRODUÇÃO EM t

| | 1985 | 1986 | 1987 | 1988 | 1989 | 1990 | 1991 | 1992 | 1993 | 1994* |
|--------------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| PRODUÇÃO | | | | | | | | | | |
| Fibra Longa | | | | | | | | | | |
| . branqueada | 202972 | 207794 | 193436 | 191378 | 203151 | 216703 | 224820 | 239486 | 301090 | 297206 |
| . não-branqueada | 855338 | 911974 | 970619 | 1051240 | 1022860 | 957753 | 987644 | 1022833 | 1056322 | 1049956 |
| Fibra Curta | | | | | | | | | | |
| . branqueada | 2078285 | 2168858 | 2201216 | 2246070 | 2369582 | 2377540 | 2794642 | 3246655 | 3351528 | 3677407 |
| . não-branqueada | 266869 | 266781 | 299190 | 304180 | 348286 | 362692 | 339414 | 361593 | 301248 | 291972 |
| P.A.R | 312513 | 358330 | 390471 | 397688 | 426421 | 436455 | 431596 | 431777 | 460742 | 438208 |
| TOTAL | 3715977 | 3913737 | 4054932 | 4190556 | 4370300 | 4351143 | 4778116 | 5302344 | 5470930 | 5754749 |
| CONSUMO PRÓPRIO | | | | | | | | | | |
| Fibra Longa | | | | | | | | | | |
| . branqueada | 68702 | 68413 | 67469 | 67811 | 71792 | 66312 | 61913 | 63754 | 82775 | 94462 |
| . não-branqueada | 838281 | 893930 | 944872 | 1022921 | 997466 | 917300 | 955450 | 998326 | 1028587 | 1030081 |
| Fibra Curta | | | | | | | | | | |
| . branqueada | 712726 | 781874 | 792840 | 891563 | 916847 | 914787 | 968725 | 1002391 | 1194279 | 1285752 |
| . não-branqueada | 209810 | 209839 | 242475 | 246006 | 291567 | 318002 | 307164 | 326013 | 264551 | 249018 |
| P.A.R | 261426 | 302992 | 320890 | 331792 | 352455 | 366591 | 370531 | 367272 | 407929 | 387081 |
| TOTAL | 2090945 | 2257048 | 2368546 | 2560093 | 2630127 | 2582992 | 2663783 | 2757756 | 2978121 | 3046394 |
| VENDAS DOMÉSTICAS | | | | | | | | | | |
| Fibra Longa | | | | | | | | | | |
| . branqueada | 85831 | 91150 | 75526 | 75266 | 59489 | 70210 | 78535 | 82201 | 85078 | 93838 |
| . não-branqueada | 12661 | 12805 | 25392 | 29047 | 26673 | 38518 | 29714 | 23701 | 21887 | 18016 |
| Fibra Curta | | | | | | | | | | |
| . branqueada | 575020 | 569627 | 577335 | 461841 | 478564 | 488096 | 544904 | 511885 | 477341 | 371580 |
| . não-branqueada | 56495 | 55626 | 42787 | 40166 | 47084 | 23921 | 18212 | 20735 | 20708 | 22321 |
| P.A.R | 41582 | 43367 | 42980 | 53517 | 67060 | 56611 | 47381 | 54168 | 48039 | 44433 |
| TOTAL | 771589 | 772575 | 764020 | 659837 | 678870 | 677356 | 718746 | 692690 | 653053 | 550188 |
| VENDAS EXTERNAS | | | | | | | | | | |
| Fibra Longa | | | | | | | | | | |
| . branqueada | 53266 | 51877 | 57639 | 49950 | 44106 | 89515 | 82614 | 99822 | 141829 | 115104 |
| . não-branqueada | 3175 | 3442 | 1027 | 530 | 1121 | 466 | 356 | 358 | 170 | 352 |
| Fibra Curta | | | | | | | | | | |
| . branqueada | 830984 | 799174 | 850451 | 909286 | 898889 | 981882 | 1264175 | 1566039 | 1856093 | 1893002 |
| . não-branqueada | 2147 | 1512 | 4584 | 19296 | 6203 | 11969 | 12494 | 14296 | 10296 | 22069 |
| P.A.R | 6866 | 10102 | 11311 | 7441 | 5005 | 7445 | 8670 | 7472 | 4045 | 4044 |
| TOTAL | 896438 | 866107 | 925012 | 986503 | 955324 | 1091277 | 1368309 | 1687987 | 2012433 | 2034571 |

* Dados preliminares

Fonte = ANFPC

GT06/REVISTA



TERCEIRA GERAÇÃO MANTÉM TILIBRA NA LIDERANÇA

Após um primeiro semestre fraco, a indústria de cadernos, agendas e material de escritório recupera o ritmo de crescimento. Para o diretor superintendente, faz mais de 60 anos que a empresa demonstra sua vocação para vanguarda e sua confiança no futuro

A Tilibra S/A, indústria gráfica com sede em Barra (interior de São Paulo), fechou 94 com um faturamento bruto de US\$ 87 milhões, 21% superior ao do ano anterior. Líder de mercado em três segmentos de papelaria — escolar, de escritório e de agendas e utilidades —, a empresa deve sua boa performance em grande parte ao Plano Real. “Estamos confiantes

no processo de consolidação da estabilidade econômica”, afirma Caio Coube, 37, atual diretor superintendente e neto do fundador da indústria. A perspectiva é crescer 25% este ano, o que resultará em vendas em torno dos US\$ 108 milhões.

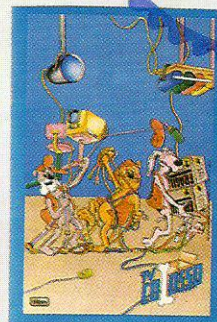
Os reflexos do novo ambiente criado no país com a introdução de uma moeda forte foram sentidos imediatamente no segundo se-

mestre nas vendas de cadernos, um dos itens mais importantes do mix da Tilibra. O volume de encomendas do produto foi 50% superior ao de 93, acima da própria expansão da capacidade produtiva e do aumento de produtividade. Na área de material de escritório, a súbita elevação da demanda foi da mesma ordem.

Mas não foi só no mercado interno que a empresa comemorou

recordes. Exportou 4 mil toneladas de produtos, 40% a mais em volume que em 93, representando 14% da sua produção anual. “O maior comprador foram os Estados Unidos, que consumiram cadernos costurados, fichas pautadas, blocos espirais e blocos de recados”, revela Coube. Ele também vende para Argentina, Uruguai, Canadá, México, Austrália, Líbano e Irlanda em sistema de representantes comerciais exclusivos.

Segundo o empresário, este ano poderá haver dificuldades na formação de preços no mercado externo, em função da alta de preços mundiais do papel e do aumento global da demanda, aliados à questão cambial. Desde já, porém, a filosofia da empresa é abordar



Inovação e temas atuais na linhas infantins.

com maior ousadia a realidade do Mercosul. “Temos que pensar numa presença mais definitiva”, planeja. Existe a certeza de que é preciso expandir a marca princi-

palmente pelos países da América Latina: “A proposta da Tilibra é de vanguarda e combina com a ‘latinidade’”, identifica Coube.

Para falar em investimentos, o di-

3M Fitas Repolpáveis



O mercado de fabricação de papel pode dispor das Fitas Repolpáveis Scotch para suprir necessidades da área.

As Fitas Repolpáveis para Fábricas de Papel executam emendas simples ou que requeiram cuidados especiais, de maneira perfeita, assegurando aplicações de qualidade singular.

De resistência comprovada e boa adesão, as Fitas Repolpáveis para Fabricação de Papel sanam problemas com contaminantes, economizando tempo e dinheiro, com disponibilidade de opções: Fitas Dupla-Face e Simples-Face, indicadas, ainda para usos gerais: remendos, fixações de identificação, começo e final de bobinas.

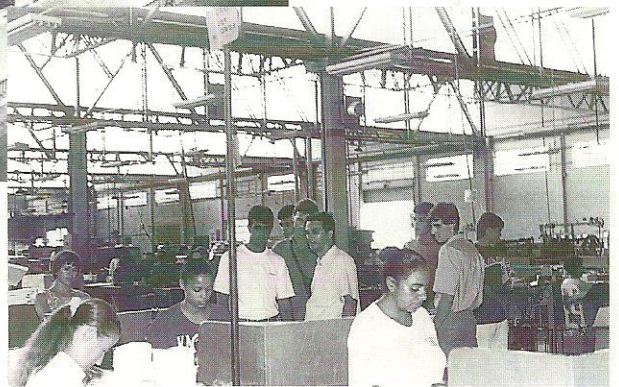
Dupla-Face ou Simples-Face.
A escolha é sua. A garantia é 3M.

Serviço de Atendimento:
Consumidor - 0800 132333
Cliente - 0800 152727
Fax (0192) 64 7637

3M Inovação



Na fábrica de 25 mil m² em Bauru, a Tilibra produz 450 itens diferentes de papelaria e vende para o mercado interno e externo. Na linha de produção (em destaque) são convertidas, em média, 30 mil ton. de papel por ano



retor separa duas eras na realidade do país: a da URV, “a pior dos últimos anos”, e a do Real, em perfeito contraste. “Nós, que estamos do lado da oferta, temos que nos preparar. O crescimento está manifesto”, avalia. O futuro sinaliza evolução e, no mínimo, a empresa deverá manter inversões de US\$ 4 milhões, como em 94. Foram compradas novas máquinas para fabricação de cadernos, embora o item não encorajasse saltos expressivos de produção tempos atrás. Nesse mesmo segmento, uma estimativa conservadora mostra um mercado interno consumindo 70 mil toneladas/ano, o que representaria aproximadamente 250 milhões de unidades, 7 cadernos/estudante/ano. Mas a média tende a crescer, segundo o diretor.

dessa indústria nascida em 1928 de uma simples loja são as suas coleções de cadernos e agendas, com mensagens que se renovam a cada ano. “Criamos nossas próprias grifes e marcas”, diz Coube, revelando que a grife Click, de cadernos, é a mais famosa e mais vendida. Ela traz nas

A Tilibra tem um mix de cerca de 450 produtos voltado para diversas faixas etárias. Os cadernos abarcam o público estudantil, do maternal ao universitário; as agendas têm uma grande variedade, utilizadas por executivos, estudantes e até crianças. O segmento mais padronizado é o de material de escritório.

Para a volta às aulas as novidades já chegaram às prateleiras das papelarias. Entre elas estão as coleções

de cadernos Minnie e Mickey e o universitário para dez matérias.

A indústria Tilibra é marcada pela sazonalidade, com vendas concentradas em determinado pe-

A meta da empresa é crescer 25% este ano. Estão previstos investimentos da ordem de US\$ 4 milhões, mesma quantia do ano passado, que serão canalizados para o aumento da capacidade produtiva

capas duras fotos coloridas de modelos e de produtos da moda, com temas vanguardistas, concebidas por artistas da casa e profissionais contratados.

Alguns dos maiores orgulhos

ríodo do ano, justamente o das compras escolares. “Nas três áreas de negócios, a única não sazonal é a de escritórios. Temos uma tradição e uma estratégia de convivência com essa realidade”, diz Coube.

Nem a sazonalidade, nem a propalada ameaça que o uso do computador pode trazer à produção escrita sobre papel surtem qualquer efeito sobre os ânimos do representante da terceira geração dos Coube, donos de uma grande indústria nascida da garra de um pequeno comerciante. “O bom e velho papel continuará sendo necessário”, prevê, com a mesma confiança no futuro do patriarca João Batista Martins Coube.

SOCIEDADE ANÔNIMA DE CAPITAL FECHADO

Fundação: 8/12/ 1928

Patrimônio líquido: US\$ 16 milhões em dezembro de 94

Faturamento Bruto: US\$ 87 milhões em 94

Lucro líquido: US\$ 6 milhões em 93

Produção: 30.000 toneladas

Exportações: 4 mil toneladas, o equivalente a US\$ 5,7 milhões FOB

Países compradores: Argentina, Austrália, Canadá, Estados Unidos, Irlanda, Líbano, México, Uruguai

Pontos de venda: 7.000 em território nacional

Representantes comerciais exclusivos: 55

Instalações: indústria gráfica com 25 mil metros quadrados de área construída, em Bauru (SP).

Empregados: 1.160

Investimentos previstos para 95: US\$ 4 milhões (em aumento da produção)

Diretor presidente: Luís Antônio de Carvalho

Diretor superintendente: Caio Coube

EMPRESA UNE TRADIÇÃO E VANGUARDA

Uma pequena loja de papelaria e de serviços tipográficos, comprada com o dinheiro da venda da casa da família por João Batista Martins Coube, foi a origem da poderosa Tilibra, hoje com 1.160 empregados, transformando 30 mil toneladas anuais de papel em cadernos, agendas e impressos, com mais de 7 mil pontos de venda e o maior parque tipográfico do ramo. Aos 67 anos, a empresa tem cinco jovens diretores da terceira geração, com o nome de origem francesa marcando em definitivo a história da industrialização de Bauru.

Familiar, mas com apurado tino comercial, a Tilibra é gerida de acordo com modernos conceitos administrativos. Os atuais herdeiros se pautam por um acordo de acionistas para os dois cargos principais, de diretor superintendente, hoje ocupado por Caio Coube, e de diretor presidente, pelo

qual responde Luís Antônio de Carvalho, 42. Nos outros postos-chave estão Vinícius Coube, 35, diretor comercial, Pedro Henrique Coube, 30, diretor industrial, e André Coube, 31, diretor de recursos humanos. Há representantes da família em outras funções importantes. “Mas, num grupo de 30 pessoas, entre diretores, gerentes e supervisores, talvez haja dez parentes. Os outros 20 são profissionais de carreira”, destaca Caio Coube.

Desde 1989, Caio e Luís Antônio se revezam anualmente nos dois cargos mais importantes. “Somos apontados como ‘case’ de terceira geração que deu certo”, comenta Caio sobre a convergência de interesses e o profissionalismo nas relações executivo-familiares.

A prova da sintonia com seu tempo, sem abrir mão de valores tradicionais, está na implantação, em setembro do ano passado, do programa de Qualidade Total, que abrangerá não apenas a área industrial

como todas as demais. O programa foi precedido de um projeto de planejamento da produção, implantado em 1990, que trouxe grandes progressos na área de administração industrial.

“Nosso objetivo é melhorar os processos de uma maneira geral e disseminar uma cultura da qualidade. Já vínhamos desenvolvendo um caldo de cultura que permitiu avançar”, conta o diretor superintendente.

Os investimentos em qualidade já renderam o reconhecimento da clientela. Na área escolar, a Tilibra conquistou sete prêmios “Mérito Lojista”, pelo Conselho Nacional dos Diretores Lojistas; ganhou a “Medalha de Ouro à Qualidade do Brasil”, como melhor fabricante de agendas; foi premiada com o “Selo Verde”, por desenvolver ações em favor do meio ambiente; e com o de “Excelência Gráfica”, concedido pela Abigraf.

O HOMEM QUE AJUDOU NA EXPANSÃO DA KLABIN: ALFREDO LOBL



*O diretor-geral da Klabin, Alfredo Cláudio Lobl, demorou algum tempo para atender à solicitação de entrevista da **Celulose & Papel**. Sua agenda estava superlotada. Viagens, reuniões e um ritmo incessante de muito trabalho. E esta é, exatamente, a imagem que se tem dele na Klabin e a que se depreende desta entrevista: um homem com enorme senso de responsabilidade, que encara o trabalho como forma superior de realização pessoal. Daqueles que erguem impérios — seja concebendo e implantando novas fábricas, seja conduzindo as negociações para incorporar outras empresas. E cuja visão empresarial é tamanha que, já nos anos 60, se preocupava com a criação de uma base florestal para sustentar o Grupo Klabin. Que ninguém se iluda com o jeitão simples e até tímido do Dr. Cláudio, como é conhecido por todos: ele vem deixando sua marca fortemente impressa na trajetória do setor nesta segunda metade do século.*

Celulose & Papel - Sabemos que o senhor não nasceu no Brasil; com quantos anos veio para cá?

• **Lobl** - Sou de 1927, vim em 1941, aos 14 anos.

C&P- Como é que foi a mudança?

• **Lobl** - Foi por causa da guerra. Quando houve a invasão da Bélgica, em 1940, uma grande parte da população, mudou-se para a França, na frente das forças alemãs. Alguns voltaram, outros seguiram adiante. Foi o caso da minha família: meus pais, minha irmã e eu.

C&P- Por que escolheram o Brasil? Tinham alguma ligação com o País?

• **Lobl** - Não. É que nós fomos até Portugal e, dali, um passo quase óbvio era continuar rumo ao Brasil.

C&P - E aqui completou sua formação?

• **Lobl** - Cursei escola técnica e, já trabalhando na Klabin, como projetista na fábrica de Monte Alegre (PR), com-

pletei minha formação em engenharia mecânica pela International Correspondence School de Scranton, EUA.

C&P - Como foi seu ingresso na Klabin, em 1948?

• **Lobl** - Ah, isto eu não consigo lembrar. A oportunidade de trabalhar em Monte Alegre me interessou muito, agora, exatamente como aconteceu, eu já não recordo.

C&P - E lá encontrou Jiri Aron...

• **Lobl** - Tive o privilégio de trabalhar com esse cientista e pesquisador de grande competência, que foi contratado na Europa pelos Klabin para trabalhar em Monte Alegre. Chegando ao Brasil, ele imediatamente concluiu que além de pinus havia também grande potencial para as madeiras de espécies folhosas. Hoje o eucalipto é quase sinônimo do Brasil, mas naquele tempo não era. Ele transformou Monte Alegre numa empresa pioneira sob diversos aspectos, em particular no uso de madeiras duras, inicialmen-

Fui designado para conduzir este projeto e me transferi para a Finlândia, recém-casado com a Janete.

C&P - E por que a idéia acabou não vingando de imediato?

• **Lobl** - Passei mais de um ano desenvolvendo a base da nova fábrica na Finlândia, que serviu também de quartel-general para as compras de equipamento. Foram adquiridos na própria Finlândia, na Suécia e na Itália. Quando voltei para o Brasil, com equipamento ainda sendo produzido, ocorreu a renúncia do presidente Jânio Quadros e a posse de João Goulart. Foi uma época conturbada, com inflação alta e retração do sistema financeiro em relação ao Brasil. Naquela época o Grupo já estava instalando em Monte Alegre uma grande máquina de papel de imprensa, que até hoje responde por 45% da produção nacional. Então, a Klabin decidiu concentrar seus esforços no projeto de papel de imprensa.

lulose e papel kraft, desde 1965 até sua conclusão, em 1969. É a Papel e Celulose Catarinense.

C&P - Aí já se evidenciou sua preocupação com a base florestal, não?

• **Lobl** - A principal matéria-prima da PCC eram os resíduos das serrarias de araucárias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mas criamos uma base florestal de pinus para os anos futuros. Eu sempre fui muito familiarizado com essa parte florestal, procurando desenvolvê-la de forma integrada com a fábrica. Hoje, o que sustenta a PCC é essa base florestal. E no Paraná também nós demos um avanço enorme na base florestal. Assim, a Klabin do Paraná atualmente é uma potência florestal, com 120 mil hectares plantados e mais de 70 mil de preservação permanente (florestas nativas).

C&P - Dizem que seu estilo de muito trabalho já era bem evidente naquela época.

"... só falei dos negócios que deram certo. Os outros eu não menciono ..."

te folhosas mistas, seguidas por eucalipto, no processo kraft e pasta mecânica. Deve-se a ele a implantação, em 1955, da primeira fábrica kraft com recuperação da América latina, que posteriormente se tornou padrão para as novas instalações de celulose deste continente.

C&P - Qual seu papel nesse processo?

• **Lobl** - Eu colaborava com o Dr. Jiri Aron nos diversos projetos, era responsável pelo Departamento Técnico. Aprendi muito, não só com o desenvolvimento de tecnologias novas, mas também graças aos contatos pessoais que o dr. Aron mantinha com cientistas da Escandinávia, dando-nos acesso a informações preciosas.

C&P - Até que, em 1960, recebeu nova missão...

• **Lobl** - Com o sucesso de Monte Alegre, resolveu-se fazer outra, também de kraft, com base em maciços de araucária adquiridos em Santa Catarina. Além disso, havia naquele Estado uma indústria madeireira das mais florescentes e os resíduos não eram aproveitados, podendo também servir como matéria-prima para nós.

C&P - E coube ao senhor a tarefa de liquidar o outro?

• **Lobl** - Exato. Os equipamentos nem chegaram a ser embarcados, ficaram no exterior, e fui incumbido de tentar vendê-los. Viajei muito, tanto que quando meu filho Roberto estava para nascer, recebi a notícia na embaixada brasileira em Honduras e voltei correndo para o país. Quase vendemos para a Venezuela; participamos de um projeto com o BID para Honduras e, além disso, passei alguns meses cuidando da engenharia para o projeto no Canadá. Mas, graças a Deus, fracassei.

C&P - E deu a volta por cima...

• **Lobl** - Não consegui vender o projeto e, com o novo regime implantado em 1964, restabeleceu-se um clima de confiança no país. Os órgãos financeiros internacionais novamente abriram suas portas para os investimentos no Brasil. Então, nós conseguimos reformular o projeto, com participação acionária IFC e da Adela (que hoje não existe mais) e apoio da própria IFC, do BNDES e do BID. Na qualidade de diretor-superintendente, conduzi o projeto de ce-

• **Lobl** - Quando fizemos a PCC, eu passava por semana três dias no escritório paulista, duas noites no ônibus e um a dois dias na fábrica. Isto para dirigir totalmente a implantação do projeto.

C&P - E qual foi o passo seguinte?

• **Lobl** - Permaneci na PCC até 1973. Nesse período também constituímos a Celucat, uma convertedora de papel kraft natural e branqueado, que se tornou líder do setor de sacos e envelopes. Aí fui convidado pela família Klabin para assumir a função de diretor-superintendente de Indústrias Klabin do Paraná de Celulose (IKPC), a empresa onde praticamente me formara. O Paraná estava meio parado naquela época, então nós contratamos uma firma de engenharia recém-instalada no Brasil, para o desenvolvimento de um projeto de atualização e expansão da linha de papel kraft. O projeto (state-of-the-art) foi concluído em 1979, com nova fábrica de celulose kraft (800 t/dia), máquina de papel para kraft e kraftliner (até hoje a de maior capacidade no país), adequação ambiental e vigoroso programa florestal.

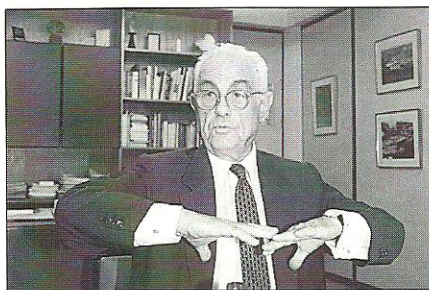
C&P - O que respaldou exportações...

- **Lobl** - Esse grande desenvolvimento em Monte Alegre beneficiou-se do boom brasileiro do final dos anos 70. Depois, com a retração do mercado brasileiro, criamos uma estrutura de exportação, passando a ser grandes fornecedores de kraftliner para a Europa. Chegamos a responder por 15% das importações européias de kraftliner.

C&P - E sua ascensão a diretor-geral ?

- **Lobl** - Em 1979 a empresa fez uma reformulação completa: abriu seu capital, criou o Conselho de Administração, passou a ter uma Diretoria profissional, integrou a PCC (que passou a subsidiária). Eu fui eleito o primeiro diretor-geral da nova IKPC — Indústrias Klabin de Papel e Celulose.

C&P - Aí já não teve mais a oportu-



- **Lobl** - A maioria, conduzi.
- C&P - Então, é bom para obter consensos?**

- **Lobl** - Bom, eu só falei das negociações que resultaram. As que não deram certo eu não menciono (ri). E, com a aquisição da Copa, passamos a ter um papel muito importante no segmento de tissue e resolvemos crescer também nessa área. Fizemos, então, um investimento significativo na PCC, colocando nela uma grande máquina de tissue, que elevou a capacidade do grupo, de 90 mil para 150

como não existem muitas áreas promissoras no mundo. A Rússia, que poderia ser uma delas, tem problemas gigantescos. Do bloco oriental estão se recuperando a Polônia, a Hungria, a ex-Checoslováquia e alguns países bálticos. Mas o capital internacional está olhando principalmente para a China e a América Latina, com destaque para o Brasil. O efeito mexicano é pesado, mas o Mercosul é um mercado de 200 milhões de pessoas, com um PIB per capita razoável. Então, as perspectivas para o Brasil e a América Latina como um todo são muito boas.

C&P - Já falamos demais de assuntos sérios. O que faz para se divertir?

- **Lobl** - Eu e a Janete gostamos de viajar. Nos últimos anos estivemos duas vezes no Caribe e uma no Havai. Vamos com frequência à Europa. Geralmente são viagens bem agradáveis, mas curtas, de três, quatro dias. Porque realmente, meu tempo é muito limitado. A Klabin é um grupo de em-

“... as melhores oportunidades de compra surgem nas épocas de recessão ...”

tunidade de implantar fábricas, como vinha fazendo...

- **Lobl** - Nos anos 80, conhecidos como a “década perdida”, a Klabin cresceu mais por meio de aquisições. Incorporou de Klabin Irmãos e Cia., a Klabin Embalagens S.A. que, hoje, é a divisão de papelão ondulado. Incorporou, ainda, a Ponsa e passou a ter o controle da veterana Fabricadora de Papel que hoje é a divisão Copa Fabricadora; adquiriu o controle da Riocell, com 52% das ações com direito a voto. Em 1986, a PCC comprou a Bates, fundindo as suas fábricas de sacos com a Celucat. Em 1989 compramos a Celulose da Bahia que, posteriormente, em “joint-venture” com a Lenzing foi transformada na Baccel. Finalmente, em 1990, a Fabricadora adquiriu a Copa, fortalecendo o Grupo no mercado de papéis sanitários.

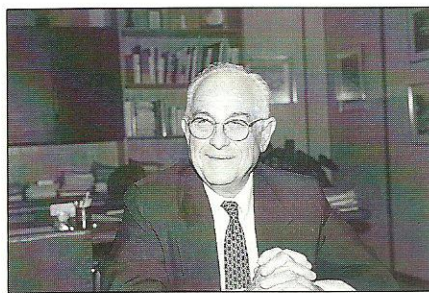
C&P - Como é que, numa década perdida, a Klabin comprou tanto?

- **Lobl** - É que as melhores oportunidades de compra surgem nas épocas de recessão. E estamos sempre atentos a tais oportunidades.

C&P - Participou pessoalmente das negociações?

mil toneladas de tissue, com forte atuação na exportação, uma vez que o mercado interno, em má fase, não poderia absorver o novo volume.

C&P - Projeta-se um crescimento do PIB brasileiro, da ordem de 5%,



em 1995. O que isto significaria para a Klabin?

- **Lobl** - Absorvida a crise mexicana, nós estamos antevendo um grande crescimento na América Latina como um todo. Se isto se verificar, passaremos a dar um enfoque especial à América Latina. E o consumo tende a crescer muito no Brasil, como, aliás está se evidenciando desde o início do Plano Real.

C&P - Então somos um país viável?

- **Lobl** - Não só somos um país viável

presas que fatura anualmente US\$ 900 milhões e vende 1,2 milhão de toneladas de produtos, enfrentando permanentes modificações que exigem uma atenção especial.

C&P - Seu filho também leva jeito para executivo?

- **Lobl** - O Roberto tem 33 anos, fez administração de empresas na FGV e trabalha em pesquisas de mercado.

C&P - A geração dele terá horizontes melhores?

- **Lobl** - Não tenho nada a reclamar dos horizontes da minha geração. Passamos períodos difíceis, mas as oportunidades no Brasil eram superiores às existentes em qualquer outro país.

C&P - Como bom sitiante, gosta de mexer com a terra?

- **Lobl** - Tenho um sítio agradável, não fica muito longe de minha casa. Mas não sou muito de mexer com a terra, diretamente. Mexo com o caseiro (ri).

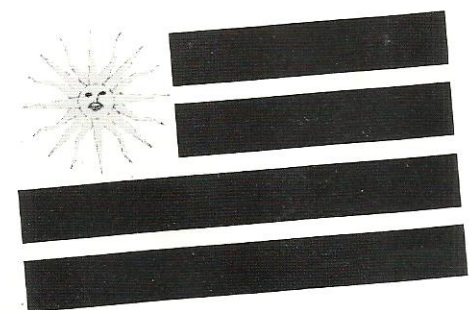
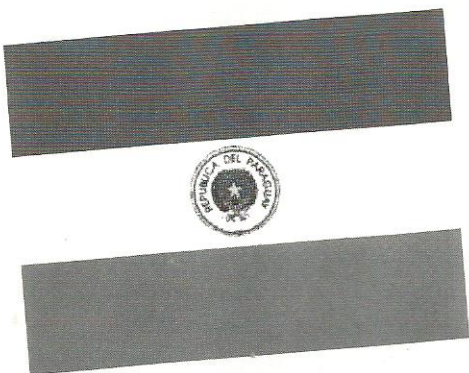
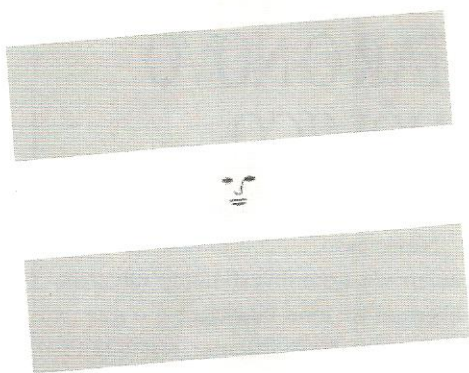
C&P - E sua fama de grande nadador, se justifica?

- **Lobl** - Não parece, mas quando a gente fica mais velho, vai melhorando (ri). No Caribe, recentemente, nadei uma hora e vinte minutos numa puxada. O mar me atrai muito.



MERCOSUL JÁ É REALIDADE

Com um PIB de US\$ 740 bilhões, este novo espaço econômico desponta como um mercado promissor para a indústria nacional. O acordo abre uma importante porta para o setor



Desde primeiro de janeiro de 1995, está em funcionamento a segunda união aduaneira do mundo, o Mercado Comum do Sul (Mercosul), com um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 740 bilhões e quatro estados membros: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. O novo espaço econômico corresponde a 60% do território da América Latina (12 milhões de quilômetros quadrados), dispõe de um mercado potencial de 190 milhões de consumidores e movimenta algo em torno de 1,8% do comércio mundial.

O que está em vigor é uma união aduaneira. O passo seguinte é o aprofundamento da integração até chegar ao mercado comum, com a harmonização das políticas econômicas e sociais entre os parceiros.

Os quatro sócios estão realizando transações comerciais com tarifa zero e aplicando a Tarifa Externa Comum, a Tec, para importar produtos de terceiros mercados.

A Tec é válida para cerca de 85% dos nove mil itens que constam das Normas do Mercado Comum (N-MC) e varia de zero a 20%. Para o restante dos produtos (1.350), principalmente bens de capital e algumas listas de exceções de cada país-membro, está em prática uma tarifa comum convergente que será única somente em 1º de janeiro de 2001. A lista de exceção do Brasil e da Argentina tem 233 itens; e do Paraguai, 215, e a do Uruguai, 203.

Um dos mecanismos que torna a união aduaneira imperfeita é a chamada lista de adequação. É uma lista de produtos que não tem pre-

MERCOSUL - INDICADORES SÓCIO-ECONÔMICOS

| | Argentina | Brasil | Paraguai | Uruguai | Mercosul |
|--|-----------|---------|----------|---------|----------|
| PIB (US\$ bi) | 255,5 | 456,0 | 6,9 | 13,4 | 731,8 |
| Pop/milhões | 33,4 | 152,1 | 4,6 | 3,2 | 193,3 |
| Renda p/c (US\$) | 7.650,0 | 2.998,0 | 1.500,0 | 4.188,0 | 3.786,0 |
| Expec/vida (anos) | 71 | 66 | 67 | 72 | 69 |
| Pop/urbana (%) | 87 | 77 | 49 | 89 | 76 |
| Fonte: FMI/Banco Mundial/B. Central do Brasil/1993 | | | | | |



ferência tarifária na comercialização entre os países do Mercosul. Cada país fez a sua: a uruguaia tem 950 itens; a paraguaia, 427; argentina, 221; e a brasileira, 29. Todos esses itens continuam sendo comercializados com as tarifas de cada país, às quais só serão eliminados daqui a quatro anos.

O Brasil, além de ter o maior mercado e a indústria mais consolidada, pode realizar grandes negócios com o Mercosul. A grande van-

tagem da integração para o Brasil é representada pelas vendas de produtos manufaturados, 60% das exportações brasileiras para o Mercosul são de manufaturas. Para os demais países da Aladi, representam 70%, enquanto para o Canadá e os Estados Unidos não ultrapassam 56%. As exportações brasileiras para a Ásia ficam em 15% e para a União Européia, 30%.

Um levantamento feito pela União das Indústrias Argentinas



COMO APROVEITAR O NOVO ESPAÇO ECONÔMICO

O primeiro ano de funcionamento do Mercosul será de muitas dúvidas e ajuste para a indústria brasileira, particularmente o setor de celulose e papel. A avaliação é de Marcello Pilar, coordenador para o Mercosul, da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC). Um dos problemas imediatos para os fabricantes de papel e celulose, segundo Pilar, é como lidar com a lista de exceção.

A questão está diretamente relacionada com o papel, que pode ser importado com tarifa de 2%, embora a Tec para esse produto seja de 12%. Pilar explicou que a tarifa do papel caiu para 2% por pressão de segmentos do comércio e da indústria de embalagem junto ao governo brasileiro. E para agravar a situação, o governo brasileiro decidiu colocar o papel na lista de exceção, mantendo a alíquota de 2%.

Contudo, Pilar considera que o Mercosul abre uma porta importante para o setor como um todo. A questão, segundo ele, é que a crise internacional afetou muito a conjuntura setorial, tornando escassos os recursos para investimento. Em termos de investimento, diz ele, a Argentina seria um bom negócio para os fabrican-

tes que quisessem adquirir terras.

Nesse caso, a decisão teria que estar amarrada a um investimento futuro na abertura de uma fábrica, e é o que os chilenos já estão fazendo, segundo Pilar. A Companhia de Manufatura de Papeles y Cartones, que tem um faturamento anual de US\$ 700 milhões, saiu na frente. Além de comprar terras na Argentina, está construindo uma unidade para fabricar papel higiênico.

Em termos de atualização tecnológica, a indústria argentina de papel e celulose tem altos e baixos, na avaliação de Pilar. Mas com a defasagem cambial, observa, os fabricantes estão conseguindo exportar papel para o Brasil. E com os investimentos externos que já começam a chegar, os fabricantes argentinos adquirem fôlego para sobreviver e se reestruturar frente à união aduaneira.

Para o Brasil, a Argentina é um mercado importante. O potencial corresponde a São Paulo, o que significa que os fabricantes brasileiros de papel e celulose devem atuar com cautela e criatividade. Problemas sempre vão existir, afirma Pilar, mas isso faz parte do relacionamento comercial entre parceiros.

mostra que se o Brasil resolvesse exportar para o mercado argentino 5% de sua produção industrial, ocuparia 30% do mercado local. Mas se a Argentina exportasse 30% de sua produção para o Brasil, atingiria apenas 5% do mercado brasileiro. De cada US\$ 100 produzidos na região, dois terços saem do Brasil.

Um fator que pesa contra o Brasil é carga tributária. O preço de uma maçã brasileira, por exemplo, é composto de quase 40% de impostos, enquanto na Argentina a taxa fica em 16%. Na média, a carga tributária incidente sobre as empresas brasileiras é de 42,4%.

A tarifa média, no Brasil, caiu de 49,1% em 1985 para algo em torno de 14%. Mas ainda assim é alta. Na Argentina, a alíquota média é de 16,3%. A maior tarifa de importação no país é de 40%.

O intercâmbio comercial entre o Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, que já foi negativo, disparou nos últimos anos. Em 1993, o Brasil importou do Mercosul US\$ 3,361 bilhões. Esse valor representou um acréscimo de 221% em relação às importações feitas em 1980. Dados da Secretaria de Comércio Exterior indicam que as exportações chegaram a US\$5,395 bilhões, representando um crescimento de 197% em relação a 1980.

A pauta de exportações brasileiras inclui automóveis, autopeças e máquinas até plásticos, produtos siderúrgicos e fumo. A de importação tem também automóveis e autopeças, laticínios, petróleo, confecções de lã, arroz, farinha de trigo, fios e tecidos de algodão e plásticos.

MERCOSUL INTERCÂMBIO COMERCIAL/EM US\$ MILHÕES

| Países | 1992 | | 1993 | | janeiro/junho-94 | |
|-------------|--------|--------|--------|--------|------------------|--------|
| | Exp. | Imp. | Exp. | Imp. | Exp. | Imp. |
| Argentina | 3,03 | 1,72 | 3,65 | 2,70 | 1,90 | 1,49 |
| Paraguai | 0,54 | 0,18 | 0,96 | 0,26 | 0,47 | 0,09 |
| Uruguai | 0,51 | 0,34 | 0,77 | 0,38 | 0,34 | 0,17 |
| Merc. (A) | 4,09 | 2,24 | 5,39 | 3,36 | 2,72 | 1,76 |
| Tot/BR.(B) | 35,79 | 20,55 | 38,59 | 25,65 | 20,10 | 13,71 |
| Part. (A/B) | 11,45% | 10,94% | 13,98% | 13,10% | 13,56% | 12,86% |

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior

Um dos grandes desafios para a integração é o transporte. O território do Mercosul tem 12 milhões de quilômetros quadrados, o que significa que existem grandes distâncias a serem percorridas. No total, a região dispõe de 200 mil

quilômetros de estradas de rodagem pavimentadas e 68 mil quilômetros de ferrovias. O Mercosul tem ainda uma costa marítima de 12 mil quilômetros e rios navegáveis numa extensão de três mil quilômetros.

O Brasil, especificamente, tem dois problemas: a manutenção das estradas e o custo da operação portuária. Pelos números arrolados pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu programa de governo, seria necessário investir R\$ 18,7 bilhões em infraestrutura (transporte, comunicações e energia). Mas o orçamento da União para 1995 estipula apenas US\$ 8,7 bilhões para essas áreas.

Na área portuária, um dos problemas mais graves é a ineficiência e o alto custo da movimentação de mercadorias. A operação portuária engloba até 160 taxas e alguns serviços chegam a custar 544% mais que na Europa.

DEMUTH

* Tecnologia
* Qualidade
* Confiabilidade

FACAS



Garantia de boa performance para equipamentos dos diversos segmentos industriais.

Corte de vez seus custos!



DEMUTH

DEMUTH MÁQUINAS INDUSTRIAIS LTDA.
Rua dos Eucaliptos, 100 - Novo Hamburgo - RS - 93.334-160
Fone: (051) 593-8011 - Fax: (051) 595-3955 - Telex: (52)2259 DMUT BR

ASSOCIAÇÃO SUZANO-IGARAS PREVÊ NOVA FÁBRICA DE EMBALAGENS

A Companhia Suzano adquiriu por US\$ 100 milhões 49,99% da participação na empresa norte-americana Riverwood International Corporation no Brasil, que aqui se denomina Igaras Papéis e Embalagens. O negócio foi fechado nos Estados Unidos, no final de dezembro. Suzano e Riverwood irão gerenciar em conjunto as atividades da Igaras, incluindo os negócios de florestas, cartão kraft e embalagens.

As fábricas da Igaras estão localizadas estrategicamente em Santa Catarina e São Paulo. Há planos de construção de uma nova unidade de produção de embalagens em São Paulo, com início de operação previsto para o ano que vem. Será uma gráfica especializada em

altas tiragens de produtos para serem usados nas suas operações de sistemas múltiplos de embalagens.



Cia. Suzano de Papel e Celulose



IGARAS

“Estamos muito satisfeitos por iniciar uma associação a longo prazo com a Suzano e ampliar nossa participação na América do Sul”, disse Thomas H. Johnson, presidente e principal executi-

vo da Riverwood. A empresa tem sede em Atlanta (Georgia) e fabrica cartões, embalagens e sistemas automatizados para produção de embalagens múltiplas. Em 1993, seu faturamento foi de US\$ 1,1 bilhão.

A Igaras produz celulose, cartões e papel kraft, caixas de papelão ondulado e embalagens múltiplas, usadas para acondicionar latas e garrafas de refrigerantes e cervejas, feitas com um cartão de fibra longa importado dos EUA. Entre os novos planos está produzir esse tipo de cartão no país.

Em conjunto com sua participação na Bahia Sul Celulose, Politeno, Poli-brasil e Petroflex, a Suzano vendeu nos primeiros nove meses de 94, US\$ 843 milhões.

GRUPO VOTORANTIM UNE FÁBRICAS DE PAPEL E CELULOSE E SOBE NO RANKING

Com a emissão de R\$ 1,2 bilhão de debêntures conversíveis em ações iniciada em dezembro do ano passado, a Papel Simão assume o controle acionário da Celpav (Celulose e Papel Votorantim), muda seu nome para VCP (Votorantim Celulose e Papel) e ganha a condição de terceira maior indústria integrada do setor.

A gigante surgida dessa união é uma empresa de capital aberto, com faturamento líquido anual de R\$ 650 milhões/ano, produção de celulose de 520 mil toneladas/ano e 530 mil toneladas/ano de papel. O patrimônio líquido atinge R\$ 1,3 bilhão. “A empresa terá porte compatível com os grandes fabricantes internacionais do setor”, disse Raul Calfat, diretor superintendente da VCP.

Nos próximos três anos, a VCP realizará investimentos da ordem de US\$ 250 milhões, basicamente com recursos próprios, apostando na fir-



me expansão mundial de mercado. A quantia se destina ao aumento da produção de celulose através de projetos de ampliação e modernização das suas unidades industriais. A produção de celulose deverá atingir 770 mil toneladas/ano, gerando excedentes de 260 mil toneladas dirigidas aos

mercados interno e externo. Outra meta da empresa é ampliar a oferta de papel couché, passando das atuais 25 mil toneladas para 75 mil toneladas/ano, já a partir do começo de 96.

“A produção de papéis térmicos e autocopiativos também sairá das atuais 15 mil toneladas para 40 mil toneladas/ano a partir de meados de 96”, informou José Roberto Ermírio de Moraes, diretor presidente da VCP.

A VCP soma 5.175 empregados e 66 mil hectares de área efetiva de plantio de eucalipto. Com a reengenharia, passará a ter uma estrutura organizacional mais horizontalizada, “operando com times e células de produção, o que exigirá o treinamento de funcionários”, completou Calfat.

RIGESA EXECUTARÁ US\$ 30 MILHÕES EM INVESTIMENTOS

Terceira maior fabricante de embalagens de papelão ondulado no Brasil, a Rigesa, subsidiária da norte-americana Westvaco Corporation, começa o ano apostando no crescimento. A empresa deverá executar um pacote de investimentos de US\$ 30 milhões, distribuídos entre a modernização de suas fábricas e a construção de uma nova unidade no Nordeste. "É o maior investimento individual no Brasil, aprovado pela matriz nos últimos vinte anos", comemora o diretor-presidente da Rigesa, James Lee Martin.

A construção da unidade em Pacajus, no estado do Ceará, deverá consumir um montante de US\$ 11 milhões. A previsão é de que a nova fábrica esteja concluída no segundo semestre deste ano. Na primeira fase, deverão ser produzidos 2,5 milhões de m de caixas de papelão ondulado e acessórios ao mês. Quando estiver a plena carga o total da produção será de 5 milhões de m. A escolha do Nordeste para constru-

ção da fábrica segue a estratégia da empresa de regionalizar suas atividades. O objetivo é também a abertura de novos mercados nesta região, que encontra-se em fase de acelerado desenvolvimento.



RIGESA

Os outros US\$ 19 milhões serão empregados na modernização dos equipamentos das fábricas de papel reciclado e de caixas de papelão em Valinhos (SP), e da fábrica de caixas de Blumenau (SC) e Manaus (AM), e modernização e ampliação da unidade de papel de Três Barras (SC). Estes investimentos deverão estar concluídos dentro de dois anos. Segundo o diretor presidente da companhia, o objetivo é tornar a Rigesa a produtora de embalagens de menor custo e de mais alta qualidade do Brasil.

QUALIDADE - A Rigesa está ins-

talada no Brasil há 52 anos e possui quatro unidades industriais, duas em Santa Catarina, uma em São Paulo e uma em Manaus. A empresa é produtora de caixas de papelão ondulado, papel miolo, celulose e papel kraft. A unidade localizada em Três Barras, fabricante de papel e embalagem, recebeu a certificação ISO 9002 no ano passado. Também em 1994, a fábrica de Valinhos foi recomendada para a certificação de qualidade ISO 9001, tornando a Rigesa a primeira empresa do setor de embalagens de papelão ondulado, no Brasil, a ser recomendada para esta norma, que é a mais completa da série ISO 9000.

No ano passado a Rigesa produziu 283 milhões de m de embalagem de papelão ondulado, 175.922 toneladas de papel kraft e 72.553 toneladas de papel miolo. O faturamento da empresa, em 1994, foi de US\$ 204 milhões, 6,39% superior ao do ano anterior.

CENIBRA REVERTE SITUAÇÃO

O ano de 1994 foi, para a Cenibra, marcado por recordes: uma produção bruta de 387.493 toneladas, um novo recorde mensal, em dezembro, de 35.140 toneladas e um diário de 1.314 toneladas, em outubro. Quanto ao desempenho financeiro da Cenibra, os resultados foram igualmente significativos. A recuperação dos preços da celulose no mercado internacional, aliada à adoção de uma política de contenção de despesas e melhoria de produtividade, permitiram a reversão do resultado do



Celulose Nipo-Brasileira S.A. - CENIBRA

ano anterior, quando a empresa passou de um prejuízo previsto no início do exercício de cerca de US\$ 30 milhões para um lucro de aproximadamente US\$ 12 milhões.

Toda a produção da Cenibra, tanto atual como pós-expansão - que deman-

dará investimentos da ordem de US\$ 800 milhões - será suportada na auto-suficiência de fornecimento de matéria-prima, a madeira de eucalipto. Para isso foram adquiridos 44 mil hectares de terras já plantadas com eucalipto. Para o seu projeto de expansão, a Cenibra conta com financiamentos obtidos no mercado financeiro internacional: US\$ 200 milhões captados com o lançamento de Eurobonus, US\$ 139 milhões captados no Japão e US\$ 139 milhões levantados junto ao BNDES.

KLABIN INAUGURA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE EFLUENTES

Com investimentos globais da ordem de US\$ 1 milhão, a Klabin, maior fabricante de papel e celulose da América Latina, inaugurou na sua unidade localizada no bairro de Santana, zona norte, a Estação de Tratamento de Efluentes Líquidos, que permitirá o reaproveitamento de fibras da ordem de 110 toneladas mensais, utilizadas na produção de papéis recicláveis, e uma economia de mais de US\$ 20 mil por mês. Essa economia representa o que seria consumido na compra de aparas, agora substituídas pelo reaproveitamento de matérias-primas.

“A nova estação é uma das inúmeras contribuições da Klabin à preservação da natureza e do meio ambiente nacional”, afirmou Pedro Piva, presidente do Conselho de Administração da IKPC - Indústrias Klabin de Papel e Celulose S/A, acrescentando que nos últimos anos o grupo investiu cerca de US\$ 70 milhões em iniciativas que têm como obje-

tivo a melhor conservação do meio-ambiente. “Um volume de recursos que, se integralizado como patrimônio de qualquer empresa, a colocaria na invejável posição de uma das cem maiores do País”, complementou. Atendendo as



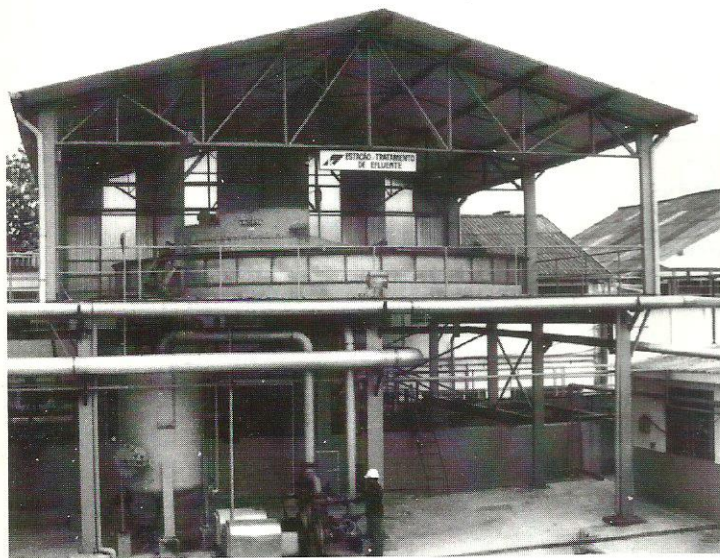
Indústrias Klabin de Papel e Celulose SA

exigências do Programa de Despoluição do Rio Tietê, a nova estação conta com 1.000 metros quadrados de área e capacidade de tratamento de 600 metros cúbicos de água por hora. “Estamos desenvolvendo ao Tietê uma água mais limpa, com mais de 80% de redução de DBO - Demanda Biológica de Oxigênio”, afirmou o engenheiro Ricardo Casemiro Tobera, diretor industrial da Klabin. Ele ressaltou que esse nível

é bem superior aos exigidos pelo Projeto Tietê, através da Lei 997.

Segundo Tobera, além de tratar a água retirada do rio Tietê para uso industrial, a estação conta com um sistema de tratamento de efluentes que permite o reaproveitamento de fibras, da ordem de 110 toneladas mensais, que são utilizadas na produção de papéis recicláveis.

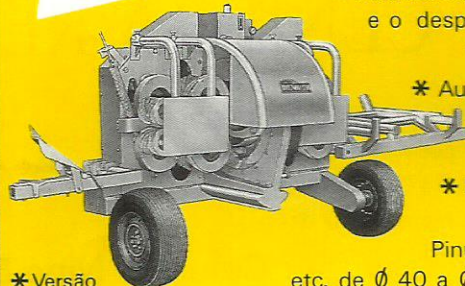
A fábrica de Santana foi a primeira do Grupo e sofreu sucessivos processos de modernização. Hoje faz parte da Divisão Copafabricadora que, através de quatro unidades fabris, produz papéis e produtos de papel, como papel higiênico, toalhas, guardanapos e lenços.



Estação de tratamento no bairro de Santana, em São Paulo.

DEMUTH DESCASCADOR

GANHE MAIS!



* Reduza mão-de-obra e o desperdício em transporte.

* Aumente sua produtividade.

* Descasque Eucalipto, Pinus, Acácia, etc. de ϕ 40 a ϕ 700 mm.

* Versão móvel e fixo.

JUNTOS ENCONTRAREMOS SUA SOLUÇÃO!

DEMUTH

DEMUTH MÁQUINAS INDUSTRIAIS LTDA.

Rua dos Eucaliptos, 100 - Novo Hamburgo - RS - 93.334-160

Fone: (051) 593-8011 - Fax: (051) 595-3955 - Telex: (52)2259 DMUT BR

ISO: MAIS EMPRESAS CERTIFICADAS

A Eka Nobel do Brasil, fabricante de produtos químicos para a indústria de celulose e papel, acaba de receber da DNV - Det Norske Veritas, o Certificado ISO 9002. A empresa, que é subsidiária da Eka Nobel AB da Suécia, passará a produzir, a partir do início desse ano, 20 mil toneladas/ano de clorato de sódio. Os investimentos em ampliação de uma nova linha de produção equivalem a US\$ 30 milhões.

Segundo o presidente da Eka Nobel, Valentin Suchek, houve um intenso trabalho precursor para enquadrar todas as atividades da empresa dentro das normas da ISO. "Além da obtenção do certificado, estamos aproveitando as normas de qualidade para redisciplinar nossas atividades industriais e administrativas, com sensível aumen-

to de produtividade e eficiência", complementou.

Também foram certificadas recentemente a Nalco Produtos Químicos, que atua no mercado de produtos químicos destinados ao tratamento de água de caldeiras e de efluentes, sistemas de resfriamento e processos siderúrgicos, e a Festo Automação, empresa de origem alemã atuante no segmento de automação pneumática, eletrônica e sensórica. Depois de se adequar aos padrões internacionais de qualidade, a Nalco reduziu em 60% a ocorrência de não conformidades de matérias-primas, e em 50% o retrabalho dos produtos.

Na Festo Automação, o custo da qualidade equivalente, agora, a 1,2% do faturamento líquido.

QUALIDADE E PRODUTIVIDADE

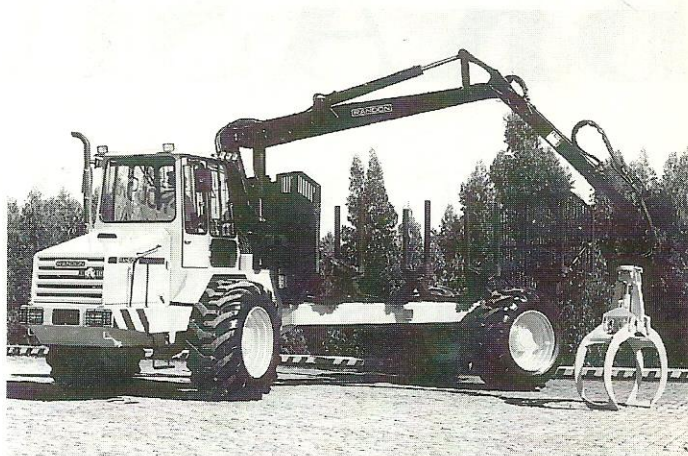
Na última Reunião de Avaliação Estratégica, representantes do setor de papel e celulose de todo o Brasil, que, segundo Marcello Pilar estão comprometidos com a Qualidade, fizeram um balanço dos quatro anos de existência do PBQP - Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade.

Na oportunidade foram fixadas as seguintes recomendações: reestruturar o modelo organizacional e gerencial do PBQP, mantendo a coordenação estratégica e a descentralização operacional; priorizar a imple-

mentação da Qualidade e Produtividade na educação; intensificar a articulação internacional do Programa, priorizando o Mercosul; fortalecer os programas estaduais e desenvolver os municipais; fortalecer a infra-estrutura de serviços tecnológicos, normalização e certificação, orientar o uso do poder de compra da administração direta e das empresas estatais e privadas para a indução da qualidade e produtividade e incentivar a educação para o consumo e apoiar os movimentos para a proteção e defesa do consumidor.

SHOPPING REAPROVEITA 30 TONELADAS DE PAPEL

NOVOS EQUIPAMENTOS FLORESTAIS



Acima: trator articulado Randon 6x6 e ao lado Hydro-Ax, da Blount Inc. (Lion)



A partir de 95, várias novidades estarão à disposição do setor florestal brasileiro. A Randon Veículos está lançando duas novas opções em equipamentos. Um deles é o trator Articulado 6X6, nas versões RK-610 e RK-612, que complementarão a linha de produtos para operações de baldeio da madeira florestada das áreas de corte até os locais de carregamento nas margens das estradas florestais. A linha florestal da Randon incorporará também

o caminhão articulado RK-628-F, para transporte de madeira desde o talhão até os pátios intermediários ou unidades de beneficiamento.

Já a Lion S.A. está introduzindo no Brasil as máquinas Hydro-Ax, da Blount Inc., destinadas ao corte de madeira e projetadas para se ajustar às matas de eucalipto. Os equipamentos Prentice, por sua vez, são compostos por carregadores florestais para erguer, movimentar e armazenar toras.

O complexo Lar Center/Center Norte bateu, em dezembro, o seu recorde na coleta de papel e papelão usado provenientes de suas mais de 600 lojas. Ao contrário de serem descartadas, as cerca de 30 toneladas de papel e papelão foram prensadas no próprio shopping e vendidas para usinas de reciclagem. Se-

gundo estimativas do IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas, evitou-se o corte de aproximadamente 1.500 pinheiros e 1.020 eucaliptos. Com a verba arrecadada todos os meses através da iniciativa, o Lar Center/Center Norte garante parte da manutenção da creche dirigida pela Sociedade Amigos da Vila Guilherme.

BRASIL 95

O PAÍS QUE QUEREMOS E O PAÍS QUE TEREMOS

Guilherme Degani

A grande maioria dos brasileiros está otimista com as reais possibilidades do Brasil 95. É verdade que o otimismo é moderado, mas também é certo que nunca, na nossa história contemporânea, o País reuniu tantas condições favoráveis para desenvolver todo o seu potencial, se integrar ao mundo e ocupar uma posição de destaque na economia que dia a dia se torna cada vez mais internacionalizada. Palavras como eficiência, honestidade, prosperidade, cidadania, privatização e segurança são contumazes em conversas que tratam do Brasil 95.

Do ponto de vista da economia interna, os sinais indicam a redução dos índices inflacionários, com boas condições para a retomada do crescimento. Os novos governos — Federal e estaduais — assumiram dando mostras, ainda que tímidas à esta altura, de zelo no trato da coisa pública. A vontade brasileira, que num passado recente apeou do poder o Presidente da República, exige que assim seja. É nesse clima de seriedade e de cobranças da opinião pública que será empossado o novo Congresso Nacional. Esse figurino é extensivo também ao Judiciário, impre-

sa, empresários e trabalhadores.

Nesta matéria, você terá a oportunidade de comparar como será o Brasil real em relação ao Brasil que desejamos ter no período. A revista **Celulose & Papel** ouviu representantes dos mais importantes segmentos brasileiros, pedindo a opinião de cada um sobre esse País que abriga o oitavo parque industrial do mundo e já não é ultrapassado porque está diante de situações amplamente favoráveis à sua situação, mas também não é moderno porque ainda não implementou as reformas necessárias para tanto. Acompanhe.

Carlos Eduardo M. Ferreira,
presidente da Fiesp/Ciesp

1) Brasil 95 - Qual país que gostaria de ter?

O Brasil dos nossos sonhos está na ponta da língua de qualquer cidadão: um país sem corrupção, sem desemprego e sem miséria, que aproveite ao máximo seus recursos naturais e permita que a sociedade possa desenvolver seu potencial para o desenvolvimento.

Com um mínimo de acerto da po-



CARLOS EDUARDO MOREIRA FERREIRA

lítica macroeconômica, já foi possível operar um pequeno milagre em 1994: recursos saíram do mercado financeiro para ser aplicados na produção; novos consumidores foram anexados ao mercado; e as empresas conseguiram um mínimo de margem de manobra para planejar e investir no próprio crescimento.

O Brasil de 1995 poderia aprofundar essas tendências. O fim do desperdício nos gastos públicos, as reformas estruturais, o aumento da produtividade empresarial poderiam de-



AG - ROBERTO STUCKERT FILHO

Vicente Paulo da Silva
presidente da Cut

I) Brasil 95 - qual o país que gostaria de ter?

Gostaria de ver o ganho da prosperidade ser distribuído por toda a comunidade. A cidadania brasileira tem que sair do papel. Em São Paulo, há milhares de trabalhadores desempregados, morando debaixo de pontes e viadutos. Eles perderam o emprego e a cidadania. Quero ver o país se modernizando sem que isso signifique a geração de miséria. Quero que os governantes deem atenção especial à cidadania prá acabar com a fome.

II) Qual o Brasil que teremos?

Esperamos o início das reformas estruturais, que possibilitem a reestruturação industrial. Vamos lutar pela autonomia sindical, baseada na Convenção 87 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), que dá liberdade para os sindicatos se organizarem sem a tutela do Estado. Estamos preocupados com a terceirização, que, além de gerar o desemprego, arrocha os salários.

Queremos a redução da jornada de trabalho e a modernização da legislação trabalhista. O número de reclamações na Justiça mostra o quanto estamos atrasados nessa área. Um trabalhador demitido por justa causa tem que esperar, em média, oito anos para que a Justiça julgue a procedência da demissão. A negociação direta entre empresários e trabalhadores pode ser uma das saídas para o fim desta situação.

II) Qual o Brasil que teremos?

Terra dos contrastes, o Brasil sempre tem uma nova edição para suas diferenças. Em 1995, elas subirão novamente ao ringue. Tudo indica que corremos o risco de ter uma meia privatização, com a sobrevivência de alguns monopólios estatais, especialmente nas telecomunicações e nos combustíveis, mesmo maquiados pela possibilidades de parcerias em alguns segmentos.

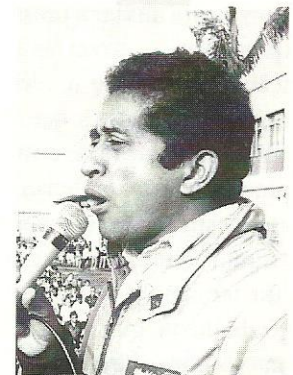
A reforma do Estado, se tudo correr bem, poderá ser iniciada, mas fatalmente não usufruiremos dos seus resultados já no primeiro ano. Hábitos muito antigos enfrentam processos demorados de erradicação. O risco que corremos é ver a burocracia ser sacramentada pela informatização ou a reengenharia virar departamento. Isso se permitirmos que a modernidade criativa seja abortada pela imaginação saudosa.

A internacionalização da economia tem o mérito de passar por cima desses velhos vícios e poderá ser um alibi poderoso para modernizarmos portos, aeroportos, e processos obsoletos de comércio exterior. Isso terá uma repercussão positiva em inúmeras atividades e ajudará fortemente a transformação do país.

sencadear a criação de milhões de empregos e aumentar a qualidade de vida e melhorar a distribuição de renda, promovendo a justiça social.

Para ajudar a concretizar esse sonho tão próximo, precisamos nos aplicar num exercício de cidadania: o de eliminar divisões profundas entre os vários segmentos da sociedade. Empresários e trabalhadores, por exemplo, poderiam aprimorar seu relacionamento a partir das lições aprendidas nos últimos anos.

O país que queremos tem um pouco da imagem daquele Brasil onde a cordialidade prevalecia sobre a violência e o convívio humano era um modelo a ser invejado pelo resto do mundo.



VICENTE PAULO DA SILVA

Maílson da Nóbrega,
sócio-diretor da MCM Consultores
Associados.

I) Brasil 95 - qual País que gostaria de ter?

Quero um país vencendo todas essas resistências (reformas estruturais), que impedem, de várias maneiras, a utilização plena do nosso potencial. Quero, principalmente, que o primitivismo institucional que caracteriza o Congresso começasse a chegar ao fim.

Apesar desses desafios, entendo que o Brasil nunca esteve tão perto de dar certo. O Real é um sucesso; já deu certo, mais que qualquer outra experiência. As mudanças realizadas num passado recente são muito fortes... Nunca reunimos tantas condições favoráveis.

II) Qual o Brasil que teremos?

Há razões para um otimismo cauteloso. Tudo indica que teremos um crescimento econômico igual ou acima do registrado em 94. Deveremos terminar o ano com uma inflação em torno de 20 e 25%, com a taxa de câmbio variando abaixo, provavelmente não atingindo um dólar por um real, além de juros declinantes, ainda que alto para os padrões internacionais.

O governo não pode fracassar na questão cambial. Se ele desvalorizar o câmbio, perde essa guerra e detona novamente o processo inflacionário. Como recurso para aliviar a pressão ao setor exportador, o governo tem a privatização dos portos e modernização dos meios de transportes, que atende à necessidade da redução de custos.

Precisamos ainda da implementação das reformas estruturais (previdência, sistema tributário etc). Aqui será preciso incluir também a reforma da legislação trabalhista, que é anacrônica e incompatível com a abertura do país. Só para se ter uma idéia, temos hoje no Brasil 2 milhões de ações trabalhistas contra mil no Japão.



MAÍLSON DA NÓBREGA



DELFIN NETTO

Delfim Netto,
deputado federal pelo PPR.

I) Brasil 95 - Qual o país que gostaria de ter?

Eu desejo uma caminhada na direção da construção de um Brasil mais próspero e mais justo. Esse é o momento da gente pensar que deve mobilizar nossas forças para seguir nesse sentido.

Há condições para que tenhamos em 95 o reinício de uma caminhada para o desenvolvimento. Nós temos tudo para fazer isso. O Brasil está numa situação particularmente favorável; internamente existe uma enorme disposição de todos de colaborar, de ajudarem a resolver os problemas.

II) Qual o Brasil que teremos?

Acredito que teremos o aperfeiçoamento do Real, não vamos perder essa moeda. A inflação residual de 35% a 40% será reduzida. Há condições para a retomada dos investimentos.

O país, que está encontrando seu caminho, enfrenta ainda alguns problemas graves. O mais grave deles, provavelmente, seja o do câmbio, onde houve uma barbearagem fantástica. De qualquer forma, nós transferimos para 95 problemas menores do que tínhamos em 94. Acredito que Fernando Henrique Cardoso terá condições para produzir as reformas do Estado. Há hoje uma mobilização nacional para produzir essas reformas. O Congresso certamente vai cooperar com elas.

Manoel Pires da Costa
Presidente da BM&F

I) Brasil 95 - qual o país que gostaria de ter?

O Brasil que eu desejo irá controlar a inflação, reduzindo-a a patamares comparáveis com o que se verifica nos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OECD), e taxas de crescimento do PIB superiores a 5% ao ano. Esse cenário, se completado por uma reforma constitucional e um rigoroso controle dos gastos públicos, poderá garantir um crescimento auto-sustentado até o fim desta década, com a melhoria concomitante na distribuição da renda.

Nesse cenário o papel do estado seria redimensionado, dando-se ênfase à atuação do setor público em áreas essenciais para os cidadãos e o exercício tranquilo da cidadania, tais como saúde, educação, segurança e alguns serviços básicos. O Estado seria "melhor", em lugar de "maior".

Com taxas baixas de inflação e taxas de crescimento que não provoquem o superaquecimento da economia, seria possível trazer as taxas de juros para patamares próximos da média paga pelos países da OECD na captação

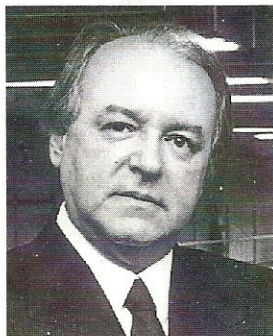
mediante bônus de longo prazo (de 4,1% no Japão a 12% na Europa). O efeito imediato disso seria o estímulo ao lançamento de novos underwritings, com uma reativação do mercado de capitais e a horizontalização das oportunidades para os Fundos de Pensão e os pequenos investidores.

A educação seria extremamente beneficiada, pois a demanda de mão de obra especializada iria aumentar. Indústrias como a do livro, das embalagens e gráfica em geral seriam muito procuradas justificando o aumento dos investimentos em papel e celulose.

II) Qual o Brasil que teremos?

O Brasil que provavelmente teremos ao longo de 1995 irá perseguir, com certeza, as metas que desejei, enunciadas acima. No entanto, o figurino é muito apertado para o que se quer vestir, principalmente porque muitas decisões dependem de uma complicada engenharia política.

A consistência na redução das taxas de inflação depende da capacidade do governo para ampliar os instrumentos de que dispõe, além da chamada âncora cambial. É possível que só com o novo Congresso, portanto, a partir de abril/maio, algumas



MANOEL PIRES DA COSTA

reformas essenciais sejam votadas, reduzindo o coeficiente de incerteza que persiste na área fiscal e em relação às reformas estruturais.

Provavelmente não irá se alterar muito o perfil dos setores monopolizados, e a privatização através da democratização do capital será lenta, limitada, no primeiro estágio, às áreas de energia, gás e transportes.

O caráter crônico da baixa produtividade de alguns setores, como o portuário, os transportes e a infra-estrutura em geral, fará com que os exportadores pressionem para a revisão da taxa cambial. Isso poderá impedir uma queda mais rápida da inflação, obrigando o governo a manter as taxas de juros em níveis reais mais altos do que ocorre na área da OECD.

O mercado de capitais sofrerá o "efeito tequila" desencadeado pelo México, reduzindo o fluxo de capitais fixos de longo prazo. Isso, porém, ocorrerá em escala limitada, pois o Brasil irá se diferenciar do México aos olhos dos investidores estrangeiros quando começar seu processo mais acelerado de reformas, no segundo semestre do ano.

Um divisor de águas irá se formando no cenário político, colocando, de

O BRASIL QUE QUEREMOS E COMO CHEGAR LÁ

Bolivar Lamounier - Cientista político

O Brasil pelo qual eu anseio se baseia em três pontos fundamentais:

- 1) uma economia aberta, altamente competitiva e com estabilidade monetária consolidada;
- 2) uma sociedade que já tenha experimentado avanços significativos e continue trabalhando no sentido da redução das desigualdades sociais e regionais;
- 3) um sistema político institucionalmente robustecido, que contribua para manter vivo o preço pela democracia e pela solução pacífica dos conflitos, tanto no plano doméstico como no

internacional. A busca destes três objetivos tornou-se um sonho realista a partir das mudanças ocorridas nos últimos meses, mas penso que três estratégias são necessárias para realmente concretizá-los, num horizonte de 10 a 15 anos. Primeiro, a efetivação da chamada "reforma do Estado" e de outras reformas estruturais que assegurem o equilíbrio fiscal, permitem o aumento da poupança e do investimento, direcionem a economia no sentido da produtividade e façam da busca da qualidade uma preocupação cotidiana, mesmo nas atividades mais singelas. Segundo, melhor aproveitamento dos

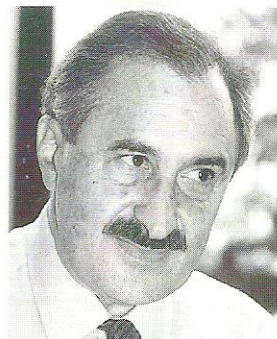
gastos em política social, notadamente em saúde e educação básica, liquidando a corrupção e o desperdício e estimulando o ingresso de talentos gerenciais de primeira linha nessas atividades. Finalmente, uma reforma política profunda, que desfaça a atual balbúrdia partidária, liquide de vez o populismo, tanto da esquerda como de direita, e facilite o recrutamento de cidadãos realmente sérios e competentes para a vida pública, revitalizando, assim, a credibilidade institucional por ramos do governo e nos três níveis da federação.

um lado, os partidos e as lideranças que efetivamente querem a abertura, e, do outro, os novos aliados do corporativismo. Este, certamente, será o fator que irá influir de forma decisiva para a reeleição do Presidente FHC ou para o florescimento de uma vigorosa oposição de centro-direita.

Romeu Chap Chap,
presidente da Fiabci

I) Brasil 95 - qual País que gostaria de ter?

Quero um país com mais segurança, menores índices de criminalidade e governos mais sérios. Gostaria que o homem público trabalhasse exclusivamente pela causa pública — e não pela sua. Paralelamente a isso tudo, quero ver um país dando um basta à corrupção, que é inflacionária, e colocando um fim no desperdício, com a melhoria da eficiência dos serviços públicos pelo bem da camada mais carente da população. A classe política — Congresso, Assem-



AE - ARLIBERTO LIMA

ROMEU CHAP CHAP

bléias e Câmaras — também precisa melhorar, a exemplo das demonstrações nesse sentido dadas pelo Executivo.

II) Qual o Brasil que teremos?

95 será um ano de transição, com a passagem do Brasil-gigante-adormecido para o país dos nossos sonhos. Deveremos ter um governo mais sério, aberto e liberal, com vocação do bem estar social e do zelo no trato da coisa pública. O xenofobismo que tornou o Brasil o país mais fechado do mundo ocidental, será deixado de lado. O modelo brasileiro, implantado no início dos anos 90 (sem se analisar o político Collor), ajudará o país na abertura econômica, com a classe empresarial abandonando cada vez mais o comodismo e o protecionismo do Estado. Quem não estiver adequado à essa realidade não terá condições de continuar no mercado. Todas essas tendências serão acentuadas este ano. O processo, entretanto, exigirá muito trabalho e muito sacrifício.

TUDO DEPENDE DE CONTROLAR O ORÇAMENTO

Mário A. de Almeida - jornalista

I) Brasil 95 - qual o país que gostaria de ter?

O Brasil funcionará melhor durante 1995 se o setor produtivo continuar sua rota de distanciamento do Governo. A batalha verbal sobre os riscos da valorização do real será muito instrutiva nesse campo, pois os exportadores têm aprendido que vale muito mais aplicar tempo e recursos na melhoria da produtividade, do que em viagens e declarações de redução ou ameaça aos donos do câmbio, no Banco Central.

O mundo tornou-se uma constelação de Sociedades com média de opiniões muito semelhante, cada uma tratando de pressionar e enquadrar o respectivo Governo — e, frequentemente, conseguindo o interesse. O Brasil, junto com a China, a Índia e um pequeno grupo de nações em cri-

se étnica, são as exceções onde o Estado ainda opera praticamente autônomo, sobrepunhando as tentativas de controle pela força das máquinas burocráticas. Cada passo dado no sentido de afastar a vida real dessa tirânia representa uma grande vitória. Que 95 seja benfazejo nessa difícil e necessária trajetória.

II) Qual o Brasil que teremos?

O principal entrave para que a atividade econômica em 1995 supere os bons resultados do ano passado é a reduzida taxa de poupança da primeira metade da década de 90. É impossível crescer a 5% com uma poupança de apenas 17% ao ano, enquanto muitos asiáticos exibem taxas de 33%.

O Governo FHC contava com a poupança externa para melhorar esse indicador e controlar, pelos novos investimentos produtivos, a nuvem infla-

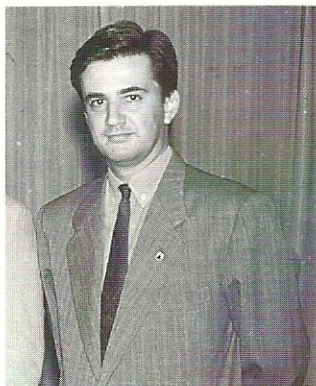
cionária que se acumula no horizonte quando alguns setores caminham para a plena ocupação da capacidade instalada.

Com o recuo do capital estrangeiro, a alternativa restringe-se à participação do setor público, liberando assim os recursos que, na mão dos agentes privados, tende a se dirigir à produção, tendo em vista a nova e mais favorável relação de custo/benefício.

A realização do sonho brasileiro está, portanto, depositada na determinação do ministro José Serra, responsável pelo orçamento federal e pelos cortes ali indispensáveis. Nas primeiras semanas de Governo, ficou claro que existe disposição para abrir espaço ao setor produtivo. Se o compromisso virar realidade, a hipótese de crescimento sem inflação tem tudo para dar certo.

ABTCP QUER FORTALECER REGIONAIS EM TODO O BRASIL

O novo presidente da ABTCP - Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel, Renato Gamoeda, pretende em seus dois anos de gestão fortalecer o trabalho das Regionais, hoje instaladas nos estados do Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Amazonas e Pará. "A intenção é trabalhar muito próximo aos diretores dessas regionais, verificando suas necessidades e expectativas", comple-



Gamoeda: planos para uma nova sede

mentou Gamoeda, que é assistente técnico e comercial da Bahia Sul Celulose.

O primeiro passo para essa aproximação com as regionais foi a definição do calendário anual da ABTCP, que traz como novidade um programa itinerante de cursos e seminários. "A realização da maioria dos cursos estava muito centralizada em

São Paulo", justifica. O calendário de 95 da ABTCP foi o primeiro a ser elaborado por uma assessoria de marketing, contratada na gestão anterior, e que realizou uma ampla pesquisa para detectar as expectativas dos associados em todo o Brasil.

Além da programação dos eventos da entidade, a assessoria está incumbida de encontrar fórmulas para "vender" melhor aos associados todos os produtos e serviços oferecidos pela ABTCP. A partir desse ano serão implementados sistemas informatizados em todas as áreas, inclusive nas Regionais, com o objetivo de facilitar a utilização dos serviços de editoração e gráfica pelos associados. "O objetivo é oferecer atrativos para os novos sócios", complementou Gamoeda.

Entre os atrativos, Gamoeda incluiu uma nova e mais ampla sede para a entidade. Desde novembro, com a desativação da sede de eventos instalada na rua Conselheiro Brotero, a ABTCP está funcionando em único local, na Rua Ximbó. A idéia agora é construir outra num terreno adquirido em 91, no bairro do Jabaquara, ou vender esse terreno e o atual prédio para a compra de um imóvel pronto. Segundo Gamoeda ainda está em estudo a viabilidade financeira do projeto, que deverá ser discutido entre a diretoria, conselho e associados. Além de Renato Gamoeda, fazem parte da nova diretoria da ABTCP Cláudio Campos, como vice-presidente; Rubens Bambini Jr. e Antonio Carlos Godoy, como 1º e 2º secretários, respectivamente.

PRÊMIO SEPACO

Estão abertas as inscrições para o VIII Prêmio Sepaco de Saúde Ocupacional "Dr. Fadlo Haidar", no valor de R\$ 3 mil. Oferecido pela Santher - Fábrica de Papel Santa Therezinha S.A., o prêmio está aberto a qualquer profissional que deve estudar um problema ligado à saúde ocupacional dos trabalhadores das indústrias de papel e artefatos. Cópia do Regulamento e maiores informações pelo telefone (011) 549.9996.

GRACE DEARBORN

Expandindo suas operações na América Latina, a Grace Dearborn está inaugurando uma planta industrial em Valencia, na Venezuela. Com 20 mil m², a fábrica abrigará a produção de especialidades químicas para as mais diversas aplicações e produtos para tratamento de águas industriais. Com a inauguração, eleva-se para seis o número de fábricas da Grace Dearborn na região.

POSITEK

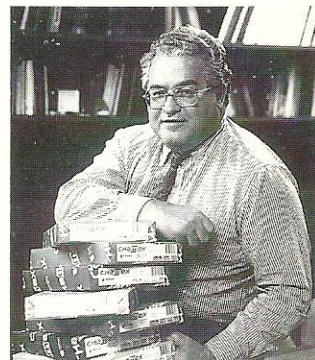
Alcalo Produtos Químicos está lançando no mercado um programa que otimiza a química da parte úmida da máquina de papel. Segundo a empresa, o programa, chamado Positek, permite uma maior flexibilidade na produção, propiciando maiores velocidades da máquina.

MUDANÇAS NA CHAMPION

Odair A. Garcia acaba de assumir o cargo de diretor executivo da Champion. Ronaldo A. Guedes Pereira, que acumulava essa função, passa a exercer a presidência da empresa, com a tarefa de cuidar do relacionamento com a comunidade financeira e industrial de São Paulo e dar continuidade ao programa de expansão da Champion. Diretor executivo durante 16 anos, Ronaldo Guedes Pereira, promoveu a expansão da produção, inaugurando uma máquina de papel (nº 6) e iniciou o projeto de nova unidade industrial em Mato Grosso do Sul. A Champion, nos últimos dez anos, foi quatro vezes escolhida como a melhor entre as Maiores e Melhores da Revista Exame.

O novo diretor executivo, Odair Garcia é funcionário de carreira e ingressou na

Champion aos 17 anos, em 1961. Adquiriu várias posições, sendo eleito em 1980, diretor de Materiais e de Planejamento e, em 1987, diretor de Vendas. Nesta condição comandou a expansão dos negócios da Champion no mercado internacional, ampliando as exportações a 50 países. Casado com Vera Garcia, tem três filhos e reside em Mogi Mirim (SP).



Odair A. Garcia, novo diretor executivo

FÉ NO BRASIL

ABRAM SZAJMAN

Ao longo dos últimos anos, tornou-se um lugar comum falar em reformas. Mas talvez por isso mesmo, por esta persistência, as reformas passaram a ocupar um lugar primordial na agenda dos políticos, nos planos de governo e nos programas partidários. Até mesmo com o sentido forte de consolidação de nossa democracia.

Nas recentes eleições, o Brasil fez uma clara opção em favor de reformas estruturais e da modernização. O Brasil quis mudar sem confrontar. Os eleitos que assumem seus cargos, nos poderes Executivo e Legislativo, tanto na União como nos Estados, têm agora o dever inalienável de desemperrar essas reformas.

O programa de estabilização da moeda requer, como complemento indispensável, a reforma do Estado hipertrofiado, que ostenta gigantescas empresas monopolistas, enquanto escolas e hospitais públicos definham no abandono.

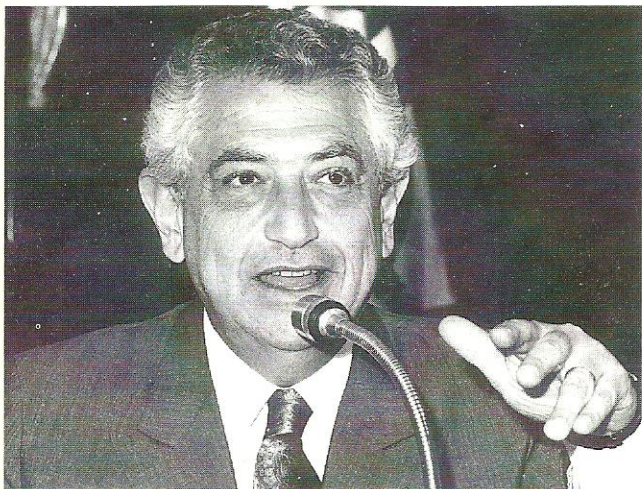
Reajustado o tamanho do Estado através das reformas patrimonial e administrativa, tributária e previdenciária, as regras do jogo devem favorecer a modernização da economia, através da competitividade e da abertura ao comércio externo. Uma economia fechada à competição, dividida em cartórios e reservas, que ignora as

tendências à globalização, respondendo apenas por ínfimos 1% do comércio internacional, desmerece nossa capacidade, num mundo cada vez mais interdependente.

O capitalismo sem riscos e sem competição é tão fraudulento como a democracia desprovida de instrumentos de justiça social. Este processo exige, dos empresários, a exata compreensão de que não pode haver empresário rico e empresas pobres. Que o lucro deve vir da eficiência, de novos métodos de produção e de gestão.

A estabilidade monetária coloca perante empresários, trabalhadores, meios de comunicação e consumidores o desafio de romper com o vício da inflação, com a inércia corrosiva da indexação automática. Nós, empresários, devemos olhar mais para a estrutura de custos das empresas e para as tendências do mercado e menos para o que acontece ou deixa de acontecer na Esplanada dos Ministérios ou no Palácio do Planalto. Os trabalhadores devem compreender que apenas sua qualificação profissional legitima as reivindicações de sua corporação ou sindicato.

Como em todas as grandes transformações, ainda mais um salto do arcaico para o moderno, os caminhos não serão fáceis. Mas tenho fé no Brasil, o país das oportunidades. O Brasil já não é um País subdesenvolvido. É um País desigualmente desenvolvido. Enfrentar e reduzir essas desigualdades, entre classes sociais e também entre regiões, é a tarefa mais urgente.



Abram Szajman, é Presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo.

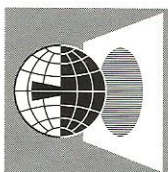


A n° 1 para a impressão
e para o papel irradiado para
todos os continentes.

**The only one
world-wide.**

DRUPA95

Düsseldorf 5.5.-18.5.



**Feira Internacional
Impressão e Papel**

Messe  Düsseldorf *Basis for Business*

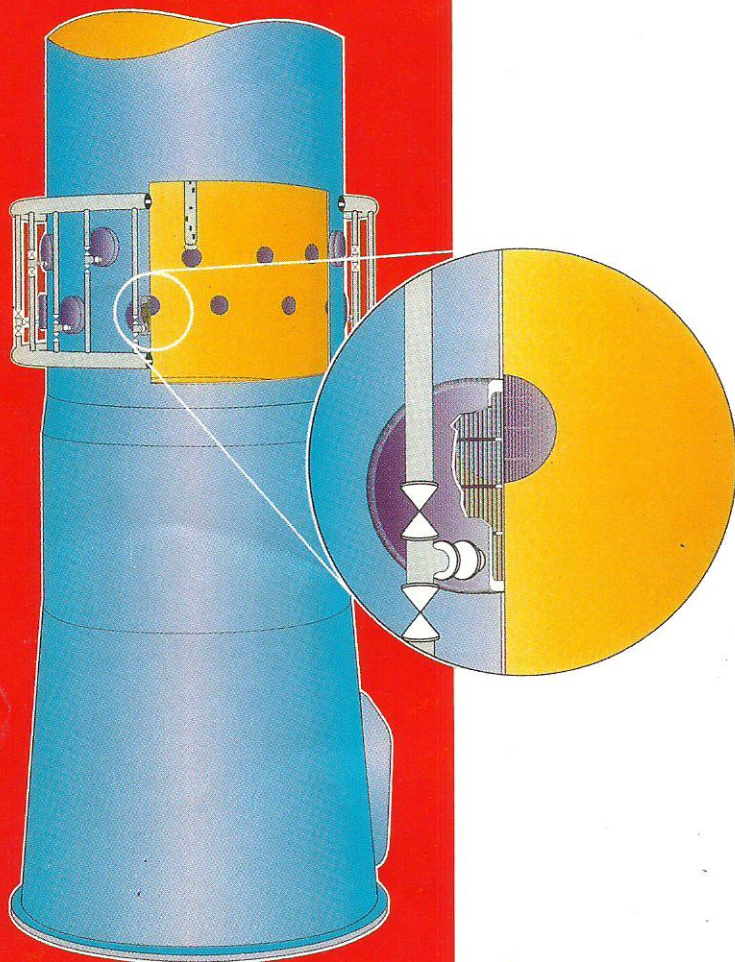
Müller Eventos e Feiras Internacionais
S/C Ltda. R. Barão do Triunfo, 520 conj. 91
04602-022 - São Paulo - SP tel: (011) 5330878
fax: (011) 5306041

KVÆRNER

Pulping

ITC™

Cozimento Isotérmico



- ▷ Baixos números Kappa devido a uma melhor seletividade
- ▷ Melhor branqueabilidade
- ▷ Menor consumo de químicos no branqueamento
- ▷ Menor volume de efluentes no branqueamento
- ▷ Maior viscosidade
- ▷ Melhores propriedades físicas da polpa
- ▷ Maior eficiência de lavagem
- ▷ Menor teor de rejeitos
- ▷ Maior rendimento
- ▷ Pode ser adaptado aos digestores já existentes

**Baixo Kappa,
sem alteração
das propriedades
físicas da polpa**

KVÆRNER

A NOVA MARCA REGISTRADA EM CELULOSE QUÍMICA

Kvaerner Pulping Ltda, Caixa Postal 14046, 81931-970 Curitiba-PR, Brasil. Tel +55 41 348 1155.
Fax +55 41 348 1330/2306.

Kvaerner Pulping AB, Box 1033, S-651 15 Karlstad, Sweden. Tel +46 54 19 46 00. Fax +46 54 19 46 41.

Kvaerner Pulping, Inc., 8008 Corporate Center Drive, Charlotte, NC 28226, USA. Tel +1 704 541 1453.
Fax +1 704 543 8172.

Kvaerner Pulping K.K., Box 897, Tokyo C, 100-91 Japan. Tel +81 3 5484 2201. Fax +81 3 5484 2770.

Kvaerner Pulping Pte Ltd, 171 Chin Swee Road, #10-01/04 San Centre, Singapore 0316. Tel +65 538 2225.
Fax +65 538 0006.